

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 119 / Dezembro, 2001 / Nº 2.073

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – O Mensageiro da Paz

A Renovação Social — Juvanir Borges de Souza

Súplica de Natal — Cármen Cinira

Oração do Natal — Passos Lírio

Cartão de Natal — Meimei

Fidelidade a Jesus e a Kardec — Bezerra de Menezes

Desordens Sociais — Washington Borges de Souza

A Sabedoria dos Gansos — Mário Frigéri

Os que não Podem mais Morrer — Richard Simonetti

É Permitido Repreender — Robinson Soares Pereira

Esflorando o Evangelho — Hegemonia de Jesus — Passos Lírio

O Frade e o Espiritismo — José Carlos Monteiro de Moura

A FEB e o Esperanto — Espiritismo, Esperanto e a Nova Era — Affonso Soares

Trova do Além — Meimei

A Conexão Vinda da Capela — Kleber Halfeld

Clonagem — Umberto Ferreira

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita — José Carlos da Silva Silveira

3º Congresso Espírita Mundial

Oración por la Paz — Gemaro Bravo Rabamales

A Felicidade é Possível? — Lucy Dias Ramos

Utilidade Pública Federal

Indiferença Moral — Gebaldo José de Sousa

Ao Clarão da Nova Era — Inaldo Lacerda Lima

Seara Espírita

Nota: NATAL é o tema da capa desta edição. O Editorial fala-nos de Jesus como o *Mensageiro da Paz*, “cuja simples chegada em nosso mundo despertou a fé e a esperança no coração dos homens”. Na *Oração do Natal*, Passos Lírio dirige-se ao Senhor para afirmar que o Natal “depois de tantos séculos, ainda é a festividade dos corações desventurados, que ao compasso de lágrimas candentes e singultos irreprimíveis vão (...) em busca de lenitivo” à presença do Mestre. Completam a temática natalina o soneto *Súplica de Natal* e a mensagem *Cartão de Natal*, dos Espíritos Cármen Cinira e Meimei.

Editorial

O Mensageiro da Paz

O mundo passa por momentos de instabilidade política e social e os seres humanos, de forma geral, mantêm em seu coração a angústia, o medo e a incerteza diante da violência que os cercam, marcada pela dor e pelo sofrimento. Retornam, mais fortes, a busca e os apelos pela paz. E diante dos apelos que se renovam, renova-se, também, a resposta que Jesus oferece a todos, asserenando e descortinando os caminhos do futuro: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá.” (João: 14-27.)

A resposta de Jesus não nos deixa dúvidas: ele nos oferece a sua paz. Não a paz efêmera do mundo, mas a paz permanente do Espírito imortal. E ensina que somente será duradoura a paz construída através de cada ser humano com base nos exemplos que nos deixou: amor a Deus, ao próximo e a si mesmo; dedicação fraternal ao semelhante; prática da caridade no seu sentido mais elevado e mais abrangente; eliminação de qualquer manifestação do personalismo; ausência do egoísmo e do orgulho; cultivo da humildade e vivência plena da solidariedade. Este, o único caminho seguro para a construção da paz na Terra.

Neste mês de dezembro, quando se comemora o Natal de Jesus, oportunidade em que o ser humano procura momentos de serenidade, de fraternidade e de alegria no reduto doméstico, no ambiente de trabalho, no relacionamento com os amigos e no contato com outros povos e países, é justo e natural que busquemos o convívio, os ensinamentos e os exemplos do Mensageiro da Paz, cuja simples chegada em nosso mundo despertou a fé e a esperança no coração dos homens e a manifestação de louvor dos Espíritos celestiais: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas: 2-14.) ●

A Renovação Social

JUVANIR BORGES DE SOUZA

A vida social é um imperativo para o homem, uma vez que ela decorre da lei natural. (O Livro dos Espíritos – q. 766.)

O progresso individual e coletivo se faz pela vida de relação dos seres humanos entre si.

Ser gregário por natureza, o homem vem criando, desde que se encontra na Terra, as múltiplas formas de sociedade para atendimento de suas necessidades.

Portanto, é ele, o homem, o responsável pela organização social, que reflete os defeitos de seus componentes: egoísmo, orgulho, ambição.

Desde os tempos primitivos, a Humanidade se transforma contínua e lentamente.

Diversos tipos de sociedades humanas acompanham o progresso material e moral das sucessivas gerações.

Nos agrupamentos primitivos houve predominância da mulher, decorrente de sua faculdade de procriar.

Os característicos físicos, a força e a agilidade deram ao homem o poder decisivo sobre os grupos sociais, dos primeiros tempos, substituindo a mulher.

Nos registros da História, após incontáveis milênios de pré-história, já aparecem diversos tipos de sociedades, cada qual com seus característicos, usos e costumes, inspirando as instituições e organizações sociais.

Surgiram e desapareceram civilizações, povos dominadores passaram a dominados, enquanto outros, como os chineses e hindus chegaram à atualidade com suas organizações evoluindo lentamente.

Da Idade Medieval ao fim do segundo milênio da Era Cristã as transformações sociais são muito profundas, mostrando claramente o progresso realizado, resultante das religiões, do avanço das ciências, do aumento da população e da produção e da ampliação do mundo conhecido, com os descobrimentos marítimos.

A Revolução Francesa no fim do século XVIII, a Revolução Industrial que avançou pelo século XIX e a tecnologia do século XX transformaram todo o orbe, com novas concepções, novos costumes e nova legislação como bases da organização social.

A escravidão humana, presente no mundo desde tempos imemoriais, desapareceu da face da Terra graças aos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade espalhados por toda parte, como força avassaladora irresistível contra os bastiões da ignorância e da imposição.

Mundo de expiações e provas, apesar de todo o progresso alcançado, a Terra e sua população, em sua quase totalidade, refletem a predominância do orgulho e do egoísmo humanos em suas organizações e instituições.

As guerras, os conflitos, a violência, a miséria material e moral, a indiferença diante da pobreza e da ignorância ainda estão presentes no mundo, no início do terceiro milênio, como estiveram em todos os séculos que o precederam.

Apesar da assistência permanente do Guia Espiritual do Orbe terrestre, que tem enviado emissários e missionários a todos os povos, raças e nações em todos os tempos, para auxiliarem o seu progresso intelectual e moral, a rebeldia do homem, com seu livre-arbítrio, está sempre presente, dificultando a evolução.

O próprio Cristo, o Governador Espiritual da Terra, esteve em pessoa mostrando “o caminho, a verdade e a vida” para a ascensão da Humanidade, em missão extraordinária de rara significação.

Mas, ao lado do inegável proveito de sua presença e de seus ensinamentos, os desvios resultantes das interpretações humanas prejudicaram sensivelmente o entendimento de sua mensagem superior, fundamentada no Amor e na Fraternidade.

Ele mesmo, prevendo o desvirtuamento de sua Mensagem, prometeu renová-la no futuro, através do Consolador destinado a permanecer junto aos homens, quando estes tivessem condições de entendê-lo e preservá-lo.

Foi o que ocorreu nos meados do século XIX, com o advento da Doutrina dos Espíritos, o Consolador prometido, que repõe tantas coisas ensinadas pelo Cristo e traz o conhecimento de coisas novas para orientação de toda a Humanidade.

...

O Espiritismo, o Consolador, está no mundo para ratificar muitas verdades já conhecidas e retificar os desvios de entendimentos e de interpretações literalistas das Revelações anteriores, que tanto mal têm causado às religiões e a seus seguidores.

Com os novos conhecimentos que o Espiritismo traz sobre os atributos de Deus, o Criador de todas as coisas, sobre o homem, Espírito imortal, sua vivência na Terra em múltiplas existências e sobre a missão de Jesus, o Cristo, o Verbo do princípio, a Humanidade vê-se na posse de conhecimentos fundamentais para compreender o sentido da Vida, sua criação e sustentação em todo o Universo.

Mas a Nova Revelação vai mais além, mostrando a existência das leis divinas ou naturais, em seus múltiplos aspectos, desdobrados nas leis morais de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e amor, justiça e caridade.

Com esses conhecimentos essenciais proporcionados pela Espiritualidade Superior, a Humanidade tem agora, de forma segura e racional, as regras comportamentais, individuais e coletivas, para a vida na Terra, que não cessa com a morte do corpo, mas continua em outra dimensão.

O tormentoso problema do Bem e do Mal, do qual se ocuparam as filosofias e as religiões sem jamais dar-lhe solução plausível, ficou resolvido automaticamente com o conhecimento da lei divina ou natural, ao alcance das inteligências comuns.

Agora, com os princípios da Doutrina Consoladora, desde que conhecida pelos homens, há possibilidade de uma renovação social verdadeira fundamentada na reforma individual, com o combate permanente do orgulho, do egoísmo e da ignorância.

Os princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade, vislumbrados por Espíritos lúcidos e progressistas que sonharam com um mundo solidário e melhor, encontram nos postulados espíritas o caminho para a concretização.

É uma questão de educação e reeducação, obra gigantesca para gerações.

Mas, antes de tudo, ressalta a necessidade de se tornar conhecido o Espiritismo, como o conjunto de ensinamentos que os Espíritos Superiores entregaram a Allan Kardec, para o início de uma Nova Era.

Daí a importância da sua divulgação em larga escala, para que as massas humanas o conheçam e se reeduquem em seus princípios.

Os desentendimentos internacionais da atualidade, os conflitos de toda ordem, a violência, as convulsões sociais, as injustiças flagrantes existentes em todas

as organizações e instituições do mundo estão a indicar que as condições a que chegou a Humanidade, apesar de todo o progresso alcançado, não correspondem aos anseios de justiça e de fraternidade para todos.

São inúmeras as tentativas de melhorias no campo das organizações políticas, na legislação dos diversos povos, na movimentação das classes sociais menos favorecidas, com a criação de sistemas os mais diversos buscando soluções justas e equânimes para todos.

Exemplo desses tentames foi o movimento internacional resultante da teoria marxista expressa no Manifesto Comunista de 1848 que, implantada em diversas nações como solução definitiva de inúmeros problemas sociais, resultou em fracasso, justamente por partir de pressupostos errados a respeito do que é o homem, encarado apenas sob o aspecto materialista de sua aparência, esquecida a essência do ser espiritual imortal que é na realidade.

Buscando soluções justas na luta de classes sociais, que sempre existiram, o socialismo marxista histórico-dialético preocupou-se somente com as necessidades materiais do “homem econômico”, deixando de lado o “espírito imortal”, justamente a parte principal do ser dual que é o homem. O resultado prático foi o fracasso, como não poderia deixar de ser, ao partir a teoria de premissas falsas.

São de Léon Denis, o filósofo espírita, os conceitos e pensamentos elevados sobre a luta de classes:

“No domínio da economia social, o que reinou até aqui foi a livre concorrência, isto é, a luta dos interesses, a rivalidade, o antagonismo. Greves sucederam-se a greves, às coalizões, às sabotagens; os sindicatos operários arremeteram-se contra os sindicatos patronais e os trustes, isto é, a força contra a força, e o resultado inevitável: o ódio! Ora, o ódio não pode fundar nada de fecundo, de duradouro. É ao coração do homem que se deve dirigir.” (Socialismo e Espiritismo, p. 98 – Editora O Clarim.)

A influência que o Espiritismo exercerá sobre as sociedades humanas é perfeitamente previsível, em função de sua filosofia, da realidade da vida que põe à mostra e das verdades que revela, substituindo crenças, fé cega e cultos exteriores pela fé raciocinada.

Todavia, a influência da Doutrina Espírita na transformação do mundo e na regeneração da Humanidade não se fará pela substituição dos dirigentes, nem pela imposição de leis, nem pela conquista dos poderes transitórios do mundo.

Sua influência se fará de forma indireta, pela aceitação de seus princípios, pela concepção correta a respeito de Deus, do Cristo, do homem, da vida nesta e em outras dimensões, das leis naturais e do destino da Humanidade, que há de chegar a outro estágio, pelo conhecimento e prática desses postulados.

Por outro lado, o poder moralizador da Doutrina dos Espíritos não pode permitir ao Movimento que resulta de sua vivência nenhuma forma autocrática, como ocorreu e ocorre com as religiões literalistas tradicionais, que procuram impor suas regras e normas.

O princípio da liberdade, implícito na Doutrina, não lhe permite impor-se.

Sua ação e poder modificará idéias, opiniões e o que estiver assente em falsas premissas, transformando os costumes, as leis, as instituições e as relações sociais.

Como prevê Allan Kardec (*A Gênese*, p. 401, 35. ed. FEB) – “São chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da Humanidade.

.....
Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam.”

“O Espiritismo não cria a renovação social; a maturidade da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade”. (Idem – p. 417.)

A renovação social é, pois, obra da educação integral dos indivíduos, nos campos do intelecto e do sentimento.

A base para essa educação oferece-a o Espiritismo com sua filosofia e seus princípios, cuja moral coincide com a do Cristo.

A responsabilidade do Movimento Espírita está em preservar a limpidez da Doutrina, tal como os Espíritos Superiores a transmitiram ao Codificador, estudá-la, praticá-la e divulgá-la amplamente.

Sob o domínio das idéias espíritas conscientemente aceitas pelas massas humanas, não mais exercendo o egoísmo, o orgulho e a ignorância as bases para o progresso das instituições humanas, então a renovação social se fará naturalmente, em marcha para o mundo regenerado. ●

Súplica de Natal

Cármem Cinira

Senhor, tu que deixaste a rutilante esfera
Em que reina a beleza e em que fulgura a glória,
Acolhendo-te, humilde, à palha merencória
Do mundo estranho e hostil em que a sombra ainda impera;

Tu que por santo amor deixaste a primavera
Da luz que te consagra o poder e a vitória,
Enlaçando na Terra o inverno, a lama e a escória
Dos que gemem na dor implacável e austera...

Sustenta-me na volta à escura estrebaria
Da carne que me espera em noite rude e fria,
Para ensinar-me agora a senda do amor puro!...

E que eu possa em teu nome abraçar, renovada,
A redentora cruz de minha nova estrada,
Alcançando contigo a ascensão do futuro.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do Grande Além*, 4. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, cap. 28, p. 117-118.

Oração do Natal

PASSOS LÍRIO

As comemorações do Teu Natal, Jesus, entre a expectativa de Tua complacência e as estrepitosas manifestações com que são celebradas, nesse cenário de luzes e sombras, de conquistas e malogros, destoam da significação da magna data.

Não nos damos conta dessa impropriedade de atitudes que em louvor de Tua memória longe está de corresponder ao fim proposto.

Ainda bem que não nos faltam, nas horas desses dias nublados e escurecidos, as divinas claridades dos Teus Emissários a desfazerem o negrume que se nos antepõe aos passos para que não percamos o rumo certo na marcha remissora que vimos palmilhando.

Em compensação, álacres crianças entoam, em cenáculos de Paz, hinos de gratidão ao Teu advento messiânico. Mendigos bendizem de Ti na rotina dos seus dias de penúrias. Mulheres sofridas fitam, embevecidas e esperançosas, a abóbada do firmamento, como a buscarem o bálsamo de Tua compaixão para as suas angustiosas condições de vida.

Ah!, Senhor! O Teu Natal, depois de tantos séculos, ainda é a festividade dos corações desventurados, que ao compasso de lágrimas candentes e singultos irremediáveis vão ter à Tua presença em busca de lenitivo.

Entristecemos-nos ao constatar que as lições de Amor e Sabedoria que nos legaste continuam pendentes de acesso ao âmago de nossas almas. O símbolo significativo da singela manjedoura até então não logrou a compreensão de considerável contingente de tutelados Teus, que se abstém de usufruir do refrigério vivificante de Tua imensurável Bondade.

Envolvente e contagiante magnetismo de Tua Palavra de Vida Eterna ecoa de montanha em montanha, de planície em planície, arrebanhando para o Teu Aprisco as ovelhas desgarradas, muitas das quais fazem ouvidos de mercador. Mas, mesmo assim, o Senhor as espera, o Senhor as aguarda, na silenciosa e magnânima expectativa de que um dia venham também a participar do Teu Rebanho.

...

Vieste ao Mundo, Senhor, por Amor ao Pai e a nós outros, porque não conseguíamos chegar até onde Te encontravas e ainda em nossos dias não conseguimos, apesar de virem ter conosco, e por nós se abnegarem, Espíritos de escol, portadores de chamamentos e apelos, de lembretes e alertamentos, de mensagens e exortações, a que teimosamente não damos ouvidos, como conviria que o fizéssemos em nosso próprio benefício. Que mais podemos desejar, Celeste Amigo, se tudo nos tens dado e tanto temos recebido? Pedir o quê, se nos hás prodigalizado quanto convém à nossa felicidade? Teremos, isto sim, é de Te prometer não malbaratar as bênçãos e dádivas misericordiosas com que tens abastecido nossos corações. Mas, como preservar esse inestimável celeiro de valores morais quando ainda sentimos toda a extensão de nossa pequenez, a ponto de duvidar de nossas próprias promessas? Mas, como asseveraste, Jesus, que nenhuma das ovelhas

que o Pai Te confiou se perderá, louvando-nos em Tua Palavra, cobramos ânimo e seguimos em frente até alcançar a meta de sublimação que nos está destinada.

Assim, confiados e esperançosos, pedimos-Te nos ajudes a ir ao Teu encontro para ficarmos de uma vez por todas Contigo, como sempre estiveste e estás com o Pai. Dá-nos forças suficientes, bem-amado Mestre, a nós e aos nossos inimigos, para que compartilhemos do desejo de reconciliação, perdoados o mal que lhes tenhamos causado, em desopressão do remorso que nos vai na alma. Não os permitas afastados de nós, nem que deles nos afastemos, antes facultá-nos a possibilidade de um apaziguamento com suporte nos soberanos poderes do Amor. Não nos isentes também das tentações, mas sustenta-nos ante os seus funestos arrastamentos, para que, em as resistindo, nos ser possível bem aproveitá-las como imperdíveis oportunidades de Te demonstrar nossa sinceridade de propósito em seguir Tuas pegadas. Fortalece-nos a alma a fim de que, conformados, não arremessemos fora a Cruz de nossa redenção, levando-a a bom termo, quando, então, desferiremos o vôo de ascensão à Espiritualidade.

...

Senhor, não atentes no vultoso acúmulo dos nossos fracassos. Não consideres, Messias de Deus, a ingratidão e dureza de coração com que temos retribuído a Tua magnanimidade para conosco. Contempla as crianças entretidas e distraídas em seus habituais folguedos e fugazes passatempos, que elas são, como bem o sabes, a grande esperança do risonho Amanhã da Humanidade. Recebe, por Quem és, os olhares tristes que Te buscam na amplidão do Infinito, em piedosas súplicas de consolação. Abençoa os lábios descorados que Te louvam na cadência silenciosa de lágrimas de júbilos e nos prantos ignorados, mas gratulatórios dos que se sentem felicitados pela Tua Misericórdia. Contempla quantos, contritos, se comprazem nas cariciosas lembranças do Teu Natalício. São, amantíssimo Mestre, modulados hinos de louvor, cânticos de harmoniosas sonoridades, ternos e amoráveis gestos de pecadores penitentes que tributam à Tua memória e crêem por Ti aceites esses seus testemunhos de almas tomadas de sincera compunção.



Cartão de Natal

Ao clarão do Natal, que em ti acorda a música da esperança, escuta a voz de alguém que te busca o ninho da própria alma!... Alguém que te acende a estrela da generosidade nos olhos e te adoça o sentimento, qual se trouxesses uma harpa de ternura escondida no peito.

Sim, é Jesus, o amigo fiel, que volta.

Ainda que não quisesses, lembrar-lhe-ias hoje os dons inefáveis, ao recordares as canções maternas que te embalaram o berço, o carinho de teu pai, ao recolher-te nos braços enternecidos, a paciência dos mestres que te guiaram na escola e o amor puro de velhas afeições que te parecem distantes.

Contemplas a rua, onde luminárias e cânticos lhe reverenciam a glória; entretanto, vergas-te ao peso das lágrimas que te desafogam o coração... É que ele te fala no íntimo, rogando perdão para os que erram, socorro aos que sofrem, agasalho aos que tremem na vastidão da noite, consolação aos que gemem desanimados e luz para os que jazem nas trevas.

Não hesites! Ouve-lhe a petição e faz algo!... Sorri de novo para os que te ofenderam; abençoa os que te feriram; divide o farnel com os irmãos em necessidade; entrega um minuto de reconforto ao doente; oferece uma fatia de bolo aos que oram, sozinhos, sob ruínas e pontes abandonadas; estende um lençol macio aos que esperam a morte, sem aconchego do lar; cede pequenina parte de tua bolsa no auxílio às mãos fatigadas, que se afligem ao pé dos filhinhos que enlanguescem de fome, ou improvisa a felicidade de uma criança esquecida.

Não importa se diga que cultivas a bondade somente hoje quando o Natal te deslumbra!... Começemos a viver com Jesus, ainda que seja por algumas horas, de quando em quando, e aprenderemos, pouco a pouco, a estar com ele, em todos os instantes, tanto quanto ele permanece conosco, tornando diariamente ao nosso convívio e sustentando-nos para sempre.

Meimei

Fidelidade a Jesus e a Kardec

Estes são dias semelhantes àqueles, quando estive na Terra, desenvolvendo o seu ministério, o afável mestre Galileu.

Roma assenhoreava-se do mundo e a águia dominadora sobrevoava o cadáver das nações vencidas, nutrindo-se das suas vísceras em decomposição.

Vem Jesus e instaura o poder do amor, superando as contingências transitórias do poder da força. A sua mensagem penetra o sentimento humano e arrebanha milhões de vidas, que se oferecem em holocausto, desde Nero a Diocleciano, durante as dez mais perversas perseguições, demonstrando que o amor supera todas as outras expressões de governança do mundo.

A partir de Constantino, com a oficialização do pensamento cristão junto ao poder temporal que, mais tarde, seria transformada em doutrina do Estado, a mensagem de Jesus empalidece, perdendo o seu brilho e significado para entorpecer-se numa trágica organização político-econômica, que distenderá o caos e o infortúnio sobre a Terra por vários séculos.

A partir do concílio de Clermont, em 1095, o papa Urbano II, intoxicado pela volúpia do poder, pretende a governança do Oriente e proclama a Cruzada Popular, logo depois esmagada em um rio de sangue.

De imediato, tocados no seu orgulho e espicaçados pelo ódio, os turcos conquistam Jerusalém em 1096, provocando na Europa a reação que se alargará por 177 anos, através das oito Cruzadas que disseminarão o ódio, o horror, deixando seqüelas que chegaram aos nossos dias, em vitórias e prejuízos para a defesa da sepultura vazia de Jesus. Deverão essas Cruzadas encerrar-se com a conquista de Antioquia em 1270, provocando a reação da Europa que manda a sua última Expedição sob o comando de São Luís, rei de França, que logo depois desencarna no campo de batalha, fazendo com que os exércitos franceses retornem esgotados, abrindo espaço para que o príncipe Eduardo, da Inglaterra, em 1272, firme o término da intolerância de ambos os lados, estabelecendo um armistício.

A *noite medieval* abre novos fronts de lutas cruéis e injustificáveis em nome do Pastor da docilidade, da energia e do amor, através dos seus tribunais que matam mais do que as guerras anteriormente travadas entre persas e gregos. Até que veio o momento da abnegação com Jan Huss, Jerônimo de Praga, Martinho Lutero, e uma nova era se instaura na Terra, em tentativas continuadas de trazer Jesus definitivamente ao coração humano... E o protestantismo, logo depois, experimenta lutas intestinas, a partir de João Calvino, desintegrando-se e deixando a criatura humana sem segurança para rumar ao reino dos céus.

A ciência empírica ensaia os seus passos, as leis da natureza começam a ser penetradas e, logo depois, o pensamento filosófico irrompe triunfante, deixando-se perturbar pela sede de sangue dos abomináveis *dias do Terror* na França, amante dos ideais da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade, sendo coagidos por esses tormentosos dias com a chegada do Corso que propõe uma nova era e traz Deus de volta à cultura francesa, mediante uma concordata firmada com o Vaticano em 1802. Fascinado pelo poder temporal, Napoleão Bonaparte começa a conquistar a Europa no desequilíbrio de erguer novos Estados, quando se reencarna Allan Kardec, com a missão de restaurar, na sua plenitude, o Evangelho de Jesus e trazer a mensagem pulcra conforme pregada em vida pelo incomparável Rabi e pelos Seus

primeiros apóstolos.

Paris é cidade luz, intelectual, e será aí que o sol do Espiritismo irá brilhar, restaurando a ética moral do Evangelho e suportando os camartelos da Ciência autodenominada materialista, da Filosofia cínica e pessimista, conseguindo superá-los e abrindo espaço para que o amor pudesse vicejar no coração das criaturas humanas. O século vinte, porém, pertencerá à Ciência e à Tecnologia. Nele, o Espiritismo poderá oferecer os instrumentos hábeis para confirmar a sobrevivência do Espírito à disjunção molecular da carne, para oferecer uma filosofia otimista capaz de tornar feliz a criatura humana, centrada na lei de causa e efeito e, ao mesmo tempo, abrir o Evangelho para cantar a sinfonia incomum das bem-aventuranças, ensejando, aos excluídos, a luz mirífica do amor e a oportunidade da dignificação.

Mas o planeta terrestre é de provas e de expiações porque aqueles que à sua volta se encontram ou que nele estão reencarnados, ainda somos Espíritos inferiores inevitavelmente conduzidos pela lei do progresso e rumamos na direção da plenitude, erguendo a nossa Terra-Mãe à condição de mundo de regeneração. E quando as expectativas se apresentam próprias para que se opere a grande transformação ocorre a chegada de um novo caos, o que não nos constitui surpresa, fazendo desmoronar alguns pilares do materialismo e mostrando a fragilidade das construções temporais sem o selo da Divindade.

A grande crise que se abate sobre a Terra de hoje é a mesma crise que dominava a mentalidade daqueles dias quando Jesus cantou a Boa-Nova. É crise de valores morais que somente podem ser modificados quando o Evangelho aquecer os sentimentos e orientar o pensamento das criaturas humanas. Graças ao Espiritismo que é o retorno de Jesus, desenha-se uma Era Nova que se levantará dos escombros dessa geração cúpida e ambiciosa, para fazer reinar na Terra a verdadeira Fraternidade.

...

Nestes dias discutistes em torno dos mecanismos que podem ser aplicados em favor da coletividade sofrida; elaborastes projetos de programas de ação que possam sensibilizar as autoridades que governam o nosso país, estivestes preocupados com a marcha do Movimento Espírita nas terras do cruzeiro do sul; delineastes técnicas e atividades para a ação correta em favor dos dias porvindouros.

Não nos esqueçamos, porém, desse trabalho extraordinário junto à criatura humana em si mesma. Pensemos no ser coletivo que é a sociedade, mas não olvidemos os pequenos gestos de amor, de beneficiência, de perdão, de caridade para com aqueles que vivem conosco na intimidade do nosso lar, aqueles com quem nos relacionamos no trabalho que dá dignidade, no grupo social, onde todos cá e aí estejamos situados para evoluir.

Que nos vossos trabalhos respeitáveis e laborados com empenho e abnegação o ser humano em si tenha regime de urgência; que nos voltemos todos para a criatura humana, insegura, aturdida, que segue sem qualquer segurança e sem o norte para onde encaminhar-se.

Meus filhos, necessitamos voltar a Jesus, não nos esqueçamos, em momento algum, de que a adesão à proposta espírita é compromisso de auto-iluminação.

Não estranhemos as provas, não relacionemos as dificuldades, não reclamemos a chuva de calhaus ou os espículos do solo que nos ferem os pés. Sem qualquer masoquismo, aquele que elege Jesus compreende que é no sacrifício, filho dileto do amor, que encontrará a sua plenitude. Não temos outro roteiro a seguir senão aquele que foi percorrido pelo incomparável Benfeitor de todos nós. Uni-vos

cada vez mais. Que as vossas discussões permaneçam no campo ideológico, respeitando-vos uns aos outros mesmo quando litigantes, e aceitando o resultado da opinião majoritária.

Fidelidade a Jesus e a Allan Kardec é a proposta de sempre nestes 144 anos de divulgação da abençoada Doutrina Espírita. Fiéis aos postulados da Codificação, demos direito aos outros de se movimentarem nos níveis de consciência em que se encontram sem nos perturbarmos com qualquer expressão aguerrida de combate ou de destruição.

O Senhor não deseja a morte do pecador mas o desaparecimento do pecado. Vós – como nós outros – que amais a Jesus, esculpi-O em vosso Espírito, avançando com segurança para os dias de amanhã e apreendendo com as experiências do cotidiano e não repetir equívocos e, quando esses ocorram, a vos levantardes seguindo confiantes porque se o hoje é o nosso dia, amanhã é o momento da nossa paz.

Na grande crise moral que se apresenta com as terríveis conseqüências da hecatombe momentânea e de outras que por certo virão, sede vós aqueles que permaneceréis em paz, amando a todos, a todos ajudando e tornando-vos, hoje melhor do que ontem, amanhã melhor do que hoje, em luta contínua contra as más inclinações.

Os companheiros Espíritos--Espíritas que mourejaram nesta Casa e outros que vos acompanharam de vossas cidades aqui estão conosco repetindo como nos dias gloriosos do martirólogo:

– Ave Cristo! Aqueles que aqui desejamos servir-Te oferecemos as nossas vidas e o nosso amor.

Muita Paz meus filhos, que o Senhor nos prodigalize bênçãos, são os votos do servidor humílimo e paternal, de sempre,

Bezerra

Muita Paz!

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo P. Franco, no encerramento da Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional, na Sede da Federação Espírita Brasileira, no dia 11 de novembro de 2001, em Brasília, DF.)

Nota: Texto revisto e título dado pelo Autor espiritual.

●

Desordens Sociais

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

Os tempos atuais registram muitos desafios que afligem a Humanidade e necessitam urgentemente de soluções adequadas.

São inquietações graves de natureza física ou material e de ordem moral-espiritual que ameaçam seriamente a segurança das pessoas e das famílias, com risco para a estabilidade da própria sociedade humana. Dentre vários desses males destacam-se a pobreza, a violência de variados matizes, a corrupção, alarmante disseminação de doenças das quais algumas consideradas ainda incuráveis, tráfico e consumo assustadores de drogas alucinatórias.

O ambiente sombrio da Terra demonstra claramente que as imperfeições predominam neste mundo e que os sofrimentos delas decorrem. As ações e o comportamento humanos repercutem e geram conseqüências em face da lei de causa e efeito. As ações humanas, não estando voltadas para o bem, estarão, inexoravelmente, estimulando a prática do mal. Não há como fugir ao império da norma natural.

As causas dessas perturbações são diversas, podendo seguramente ser apontados, na imperfeição humana, o egoísmo e o materialismo como os principais responsáveis por quase todas as vicissitudes.

O materialismo é o grande obstáculo ao progresso da criatura humana porque a embrutece e insensibiliza. Por mais que a pessoa consiga a posse de bens, de fortuna, de poder, de conhecimentos e de tecnologias, mantendo-se escravizada às ilusões que a matéria propicia, não será mais do que mera indigente diante do tesouro da verdade e dos fundamentos morais da Criação.

Por outro lado, não basta à criatura se escudar sob o manto das religiões e em nome delas investir contra os semelhantes que não professem a sua crença. O amor ao próximo recomendado pelo Divino Mestre é a condição basilar para se encontrar os rumos da evolução. O próximo a que se refere Jesus não é apenas o que esteja perto de nós, dentro do nosso lar ou do nosso coração. É o outro ser humano como nós, compartilhe ou não de nossas idéias, traga ou não no coração a fé; é o que integra a grande família humana. É o que nos ensina a Doutrina Espírita, bênção e dádiva de Deus e que veio mostrar à Humanidade os meios para vencer todas as dificuldades em demanda da perfeição.

O egoísmo é outra grande barreira ao progresso. O aprimoramento do senso moral auxilia a consciência do homem a discernir entre o bem e o mal. O íntimo combate ao egoísmo leva automaticamente ao aperfeiçoamento do livre-arbítrio, da inteligência, do raciocínio, dos sentimentos. Moralidade e inteligência apurada são objetivos a serem atingidos por todo ser humano pela vontade de Deus. O homem que subjuga o seu semelhante, nações e povos não aprendeu ainda a evitar as guerras, proscrevê-las de seu caminho. O orçamento dos países está sobrecarregado de despesas inúteis com forças armadas e material bélico cuja soma seria suficiente para o combate eficaz e proveitoso à ignorância, à miséria, às dores e doenças. Quase sempre as nossas vicissitudes decorrem de nossos procedimentos insensatos, individuais ou coletivos.

Desde a vinda de Jesus à Terra vinte séculos se passaram, durante os quais o progresso foi muito lento. Também foi moroso nos séculos e milênios anteriores à vinda do Cristo de Deus. Contudo, houve progresso em todos esses períodos, mas que se acentuou, sobretudo, nos dois últimos séculos, mais do que em todos os anteriores juntos, o que comprova que o adiantamento da Humanidade se acelera quando a inteligência se aperfeiçoa. Desse modo, não é difícil entender que todos esses fatos que tumultuam a vida humana atualmente se devem ao atraso moral, ao distanciamento entre o progresso material, tecnológico, rápido e o aprimoramento moral que não o acompanha. As dificuldades humanas somente serão atenuadas e superadas com o aniquilamento, ou pelo menos a contenção do egoísmo, que é a principal chaga moral da Humanidade.

Hoje o ser humano já está capacitado a perceber a sabedoria impressa nas leis e nas obras naturais e a valer-se dessa percepção para ativar o seu progresso moral. Todavia, por ser ainda muito intensa a influência da matéria, da natureza animal sobre o ser eterno e sobre sua natureza espiritual, essa ação retardadora mantém a criatura atada a seu passado distante, ao seu estado e condições primitivos. São esses os motivos que ditam, muitas vezes, as concepções materialistas da vida, preconizadas pelas doutrinas que buscam inconscientemente condicionar o progresso e a felicidade das pessoas às conquistas e ao domínio dos bens perecíveis, criando ilusões e ensejando o afastamento e o esquecimento de Deus.

O Espiritismo informa o ser humano sobre as leis morais e naturais, sobre os princípios de harmonia e solidariedade reinantes no Universo, assim como a Doutrina Cristã veio ensinar que as leis de amor e fraternidade são os caminhos do progresso. Antes, Moisés já revelara a existência de Deus, o Pai único e universal.

O Espiritismo é eminentemente esclarecedor e jamais impõe as verdades que ensina e revela. Dirige-se sempre à razão, mostrando, antes de tudo, que a prática do bem e da lei de amor, fundamentos da Doutrina de Jesus, são o caminho que liberta a criatura dos sofrimentos e a conduz à felicidade.

Há muito a ser retificado na mente e no coração do homem. Cada um de nós terá de aprender a ser justo e fraterno e a combater as torpezas a partir de si mesmo. Essa é a luta da qual ninguém deve afastar-se para que a Humanidade possa superar as desordens, inquietações e sofrimentos que envolvem o Mundo.

A reforma íntima de cada um é imprescindível ao estabelecimento da sociedade fraterna onde possam imperar o amor e a paz do Reino de Deus. ●

A Sabedoria dos Gansos*

MÁRIO FRIGÉRI

“Aprendemos a voar como pássaros e a nadar como peixes, mas não aprendemos a conviver como irmãos.”

Martin Luther King

Os gansos voam sempre em formação,
Fazendo um “V” no azul do firmamento,
E assim voando, mesmo contra o vento,
São mais velozes na transmigração.

Eles trabalham em Equipe.

Nesse transvôo pelo céu, se o ganso
Que está no ápice do “V” se cansa,
Um outro assume logo a liderança,
Sem que haja quebra no incessante avanço.

Eles partilham o Comando.

Quando algum deles momentaneamente
Vai diminuindo a velocidade,
Atrás os gansos grasnam com amizade,
Dando coragem ao que segue à frente.

Eles são Amigos.

Se um deles deixa a formação-modelo,
Talvez porque se encontre adoentado,
Outro se põe, no mínimo, a seu lado
Para ajudá-lo ou mesmo protegê-lo.

Eles são Solidários.

Homem, imagem do Senhor, és gente!
Procura agir, assim, com o semelhante,
Como esses gansos, na animalidade,

Pois trazes n’Alma um privilégio ingente:
O de ser membro da mais importante
E universal Equipe – A HUMANIDADE!

*** Poema inspirado na página O Sentido dos Gansos, de autor desconhecido, colhida na Internet.**

Os que não Podem mais Morrer

MÁRIO FRIGÉRI

Mateus, 22: 23-33

Marcos, 12: 18-27

Lucas, 20: 27-40

Os saduceus constituíam uma casta de intelectuais, com idéias muito especiais sobre o Judaísmo.

Admitiam como orientação religiosa apenas a Lei Mosaica, formada pelos cinco primeiros livros do Velho Testamento – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Poderíamos defini-los como teístas materialistas.

Acreditavam num Deus pessoal, criador de tudo, mas não aceitavam a imortalidade da alma.

Para eles tudo terminava na sepultura.

Como os fariseus, os saduceus implicavam com Jesus e não perdiam oportunidade de criar-lhe embaraços.

Certa feita, com a deliberada idéia de confundi-lo, um deles fez uma pergunta sarcástica, que hoje definiríamos como autêntica gozação, envolvendo a vida além-túmulo, tola fantasia para eles.

Se um homem morrer, sem deixar filhos, seu irmão casará com a viúva e dará descendência ao falecido.

Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, depois de casado, morreu, e não havendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão.

Do mesmo modo o segundo, o terceiro, até o sétimo.

Depois de todos eles, morreu a mulher.

De qual dos sete será ela a mulher, na vida espiritual, pois todos se casaram com ela?

Para entender a questão proposta é preciso lembrar uma disciplina judaica: o levirato.

Se um homem morresse, sem deixar filhos, seu irmão deveria casar-se com a viúva, a fim de gerar descendência.

Tal orientação poderia ser indesejável. Imaginemos que a viúva fosse mais velha, de poucas virtudes e fartos defeitos...

Mas, ai dele se não aceitasse!

Seria levado a explicar-se diante dos anciãos.

Se insistisse na negativa, a viúva seria orientada a uma medida drástica:

Diante do relutante cunhado, tiraria as sandálias de seus pés e lhe cuspiria no rosto.

Desde então, do descalçado seria a sua casa.

Diríamos: do desgraçado. Caíra em desgraça.

Questão de perspectiva. A seus olhos, a verdadeira desgraça estaria naquele casamento indesejável.

O levirato tinha sua razão de ser.

Importante favorecer a prole. A nação judaica precisava de guerreiros para defender-se de seus inimigos.

Inconcebível uma mulher sem filhos. Se viúva, que o cunhado resolvesse.

A mulher estéril ficava em situação difícil.

O marido poderia dispensá-la ou constrangê-la a coabitar com outra.

Hoje há outra mentalidade. A não ser em culturas retrógradas, concebe-se que o casamento não deve atender aos interesses do Estado, mas às razões do casamento.

...

Questão proposta, responde Jesus:

Os filhos deste mundo se casam e dão-se em casamento; mas aqueles que forem julgados dignos de alcançar a eternidade não se casam nem se dão em casamento, pois não podem mais morrer, porquanto são iguais aos anjos do Céu.

Curiosa observação – os que não tornarão a morrer.

Então, há os que morrem mais de uma vez?

Como pode ser isso?

É simples, leitor amigo:

Experimentamos incontáveis mortes no desdobrar das vidas sucessivas.

O Espírito que reencarna morre para o plano espiritual.

O Espírito que desencarna morre para o plano físico.

Nascemos e morremos, reencarnamos e desencarnamos, renascemos e re-morremos, indefinidamente, até atingirmos um estágio que nos livre do ciclo das reencarnações depuradoras.

Consideremos o Espírito puro, em altos estágios de espiritualidade:

Não se liga a alguém – o amor romântico.

Nem a alguns – o amor família.

Liga-se a todos – o amor universal!

Seu romance – a Vida!

Sua família – os filhos de Deus!

Seu lar – o Universo!

Até chegarmos a esse estágio, teremos milênios pela frente, em permanente aprendizado nas lides humanas, e morreremos muitas vezes.

...

Deixando de lado o levirato, que já não é observado, para alívio de cunhados ameaçados, poderíamos formular pergunta semelhante:

À luz da Doutrina Espírita, com quem ficará o indivíduo que foi casado sete vezes?

Bem, consideremos que ninguém se casaria tantas vezes por viuvez, a não ser o barba-azul, na história famosa de Charles Perrault, em *Contos da Carochinha*.

Matou seis esposas e preparava-se para liquidar a sétima, quando foi morto pelos irmãos dela.

Normalmente, as pessoas agem de forma mais civilizada.

O casamento pode converter--se num campo de batalha.

Marido e mulher podem desejar, em determinados momentos, que o cônjuge vá "para o diabo que o carregue".

Mas não chegam a consumir o conjugecídio. Matam o casamento, o que é freqüente nestes tempos de liberdade sexual confundida com libertinagem, de casamentos apressados e separações apazadas.

Por isso há pessoas que se casam quatro, cinco, seis, sete vezes, consagrando o casamento descartável.

Podemos até estabelecer uma seqüência de motivações para essas uniões efêmeras:

Primeiro casamento:

Triunfo do amor sobre a inseqüência.

É o atestado de confiança na legitimidade da ligação.

Felizes para sempre.

Brigas, discussões, desentendimentos. Separam-se.

A culpa é do outro.

Segundo casamento:

Triunfo da esperança sobre a experiência.

Desta vez será diferente.

Felizes para sempre.

Brigas, discussões, desentendimentos. Separam-se.

A culpa é do outro.

Terceiro casamento:

Triunfo da obstinação sobre a incompetência.

Bem, finalmente, dará certo.

Felizes para sempre.

Brigas, discussões, desentendimentos. Separam-se.

Já não pode culpar o cônjuge.

O problema está com ele, a exprimir-se em instabilidade emocional e despreparo para assumir responsabilidades conjugais.

Com quem ficará na vida espiritual?

Certamente, com ninguém!

Fará um estágio no umbral, o purgatório espírita, onde terá a oportunidade de refletir sobre sua frivolidade.

...

E dentro da normalidade, aquele que, em virtude do falecimento do cônjuge, vier a casar-se mais de uma vez?

Ficará com aquele ao qual mais se afinar, desde que ambos se habilitem a viver no mesmo plano.

Aqui na Terra temos uniões envolvendo Espíritos em estágios de evolução diferentes, unidos, em princípio, pelo mistério do amor, que opera o prodígio de misturar óleo com vinagre.

Na espiritualidade, prevalece a lei do merecimento, situando cada Espírito em

plano compatível com suas conquistas espirituais.

Ficarão juntos os casais harmonizados, que olharam na mesma direção, que cultivaram os mesmos ideais de renovação e trabalho no campo do Bem, dispostos a alcançar os planos celestes, onde vivem os que não mais experimentam a morte.

●

É Permitido Repreender os Outros...?

ROBINSON SOARES PEREIRA

Com este título, Kardec propõe três questões que são respondidas pelo Espírito S. Luís, em Paris, no ano de 1860.¹

Na primeira delas é que vamos nos deter por agora, quando Kardec pergunta: –“Ninguém sendo perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreender o seu próximo?” Resposta – “Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, porquanto cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Mas, por isso mesmo, deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível. Ao demais, a censura que alguém faça a outrem deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido.”

É bom lembrar que Jesus, tipo mais perfeito para servir de guia e modelo à Humanidade, enviado por Deus², como na primeira parte da resposta acima, jamais deixou de mostrar o erro nos quais os curados por Ele estavam inseridos, quando dizia: – “(...) de futuro não tornes a pecar”. Mas, também, nunca repreendeu alguém com o intuito de desacreditá-lo junto à sociedade; ao contrário, como no caso da mulher surpreendida em adultério³, disse: – “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.” Fez, como está no final da resposta de S. Luís, que antes de julgarmos os outros, devemos verificar se esse julgamento não nos cabe também.

Sem dúvida alguma, a crítica irresponsável, o notar as imperfeições alheias, a maledicência fazem parte do cotidiano da grande massa da população terrena, fruto, ainda, das nossas imperfeições que nos acompanham há milênios. É uma anormalidade que com frequência praticamos como se fosse normal, já que automatizamos tais pensamentos, palavras e ações infelizes sem nos conscientizarmos do mal que proporcionamos aos nossos semelhantes. Vemos, com muita tristeza, como os meios de comunicação, nas suas mais variadas formas, se utilizam dessas prerrogativas infelizes, sabedoras de que coisas dessa natureza é que vendem e dão altos índices de audiência. O que mostra como ainda estamos atrasados moralmente.

Lemos outro dia, numa coluna de jornal, pequeno artigo que contava uma história mais ou menos assim: “Cada pessoa caminha na vida carregando duas sacolas, uma no peito e outra nas costas. Na do peito estão contidas as virtudes, e na das costas, os vícios. Cada um de nós só vê as costas dos que vão à frente, portanto, só os defeitos dos outros, esquecendo-nos de que os que vêm atrás de nós vêem os nossos defeitos também.”

Atitudes dignas para com os semelhantes deveriam ser rotineiras e não fatos isolados que chegam a ser destacados como coisas extraordinárias.

Costumamos dizer em nossas palestras que cada pessoa deveria ter um disjuntor moral na língua, que desarmasse automaticamente, quando fôssemos falar mal de alguém e, assim, ficaríamos mudos, só retornando a

voz quando fôssemos falar coisas boas daquela pessoa. Mas o disjuntor deveria ficar mesmo era no nosso cérebro, para que toda vez que um pensamento infeliz com relação a uma pessoa surgisse, ele se desligasse e nós não indignificaríamos a ninguém. Esse disjuntor chama-se autocontrole sobre o que pensamos, para que não falemos ou ajamos em desfavor dos nossos semelhantes.

O Espiritismo nos mostra a necessidade da renovação pessoal na busca do ser integral, principalmente agora, nesta era da Humanidade, norteadada pelo amor que deve unir a todas as criaturas.

Lutemos por corrigir os nossos defeitos e, como diz a parábola do Argueiro e da Trave no olho⁴, retiremos primeiro as nossas imperfeições, para só depois vermos como poderemos “auxiliar” os outros a removerem as suas.

Referências Bibliográficas:

- 1 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, 111. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 180.
- 2 _____. O Livro dos Espíritos, 75. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, questão 625, p. 308.
- 3 _____. O Evangelho segundo o Espiritismo, 111. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 173.
- 4 _____.Idem, p. 172.

Esflorando o Evangelho – Emmanuel

Hegemonia de Jesus

“Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou.”

– (João, 8:58.)

É possível localizar o Cristo na História, à maneira de qualquer personalidade humana.

A divina revelação de que foi Emissário Excelso e o harmonioso conjunto de seus exemplos e ensinamentos falam mais alto que a mensagem instável dos mais elevados filósofos que visitaram o mundo.

Antes de Abraão, ou precedendo os grandes vultos da sabedoria e do amor na História mundial, o Cristo já era o luminoso centro das realizações humanas. De sua misericórdia partiram os missionários da luz que, lançados ao movimento da evolução terrestre, cumpriram, mais ou menos bem, a tarefa redentora que lhes competia entre as criaturas, antecedendo as eternas edificações do Evangelho.

A localização histórica de Jesus recorda a presença pessoal do Senhor da Vinha. O Enviado de Deus, o Tutor Amoroso e Sábio, veio abrir caminhos novos e estabelecer a luta salvadora para que os homens reconheçam a condição de eternidade que lhes é própria.

Os filósofos e amigos ilustres da Humanidade falaram às criaturas, revelando em si uma luz refratada, como a do satélite que ilumina as noites terrenas; os apelos desses embaixadores dignos e esclarecidos são formosos e edificantes; todavia, nunca se furtam à mescla de sombras.

A vinda do Cristo, porém, é diversa. Em sua Presença Divina temos a fonte da verdade positiva, o sol que resplandece.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 133, p. 281-282.

O Frade e o Espiritismo

JOSÉ CARLOS MONTEIRO DE MOURA

“Uma vez que a alma não pode ser encontrada sem o corpo e todavia não é corpo, pode estar neste ou naquele corpo e passar de corpo em corpo.” – Giordano Bruno.

1. No dia 17 de fevereiro deste ano, completaram-se quatrocentos e um anos da execução de Giordano Bruno, queimado vivo, juntamente com suas obras, em virtude de sentença da Inquisição Italiana, que o condenou pela prática de heresia. O crime que lhe foi imputado decorreu do fato de as suas idéias se colocarem em total desacordo com a ortodoxia católica, principalmente no que diziam respeito à pluralidade dos mundos habitados, à reencarnação e à salvação do homem através de seu relacionamento direto com Deus, cuja imanência também defendia. A decisão condenatória, retrato característico da intolerância e da ignorância da época, entendeu que se tratava de “um herege obstinado e impenitente” e determinou sua expulsão da “santa e imaculada igreja porque se tornara indigno de sua misericórdia”. Suas obras, tidas também à conta de “heréticas e falsas”, foram devidamente inscritas no Index.

Não obstante todo o rigor com que se houve o Tribunal Eclesiástico, os cardeais que o integraram, num rasgo de fingida generosidade, acrescentaram um adendo à sentença e, hipocritamente, apelaram ao Tribunal Secular, *“a fim de que não pusessem em perigo a sua vida, nem que sofresse perigo de mutilação”*. Nesse instante, ao perceber a pusilanimidade dos juízes e o enorme remorso que já lhes carcomia, por antecipação, a relaxada consciência, disse-lhes, alto e bom tom: *“Talvez vós que pronunciais a minha sentença, estejais mais aterrorizados do que eu que a recebo.”*

Como era de se esperar, a “piedosa súplica” nenhum efeito produziu e dez dias após o julgamento foi executado no Campo das Flores, em Roma.

2. A Igreja não podia admitir idéias semelhantes às que o teimoso ex-frade dominicano insistia em sustentar, defender e divulgar, nem com elas conviver, uma vez que isso significava o total desmantelamento de sua estrutura, construída à custa de imposições e coerções, de concessões de favores e privilégios temporais, e até de vidas e sacrifícios alheios.

Os interesses e ambições das classes dominantes, em que os poderes civil e religioso se confundiam numa verdadeira e única amálgama, edificaram uma sociedade egoísta e corrupta, alicerçada sobre um fanatismo religioso e uma ignorância quase que institucionais. Essa situação convinha ser mantida a qualquer preço, porquanto era a que melhor se prestava ao comércio das vantagens materiais e espirituais em que o Vaticano se achava empenhado. Os meios empregados para sustentá-la e defendê-la não se preocupavam jamais em respeitar os direitos de todos que se atreviam a pensar de modo diferente do adotado pelos seguidores do credo romano. Sob esse particular aspecto, os pretensos adeptos do Cristo legaram à Humanidade tristes e lamentáveis exemplos, ainda hoje lembrados, com horror e repulsa, como é o caso das Cruzadas e do lugubremmente famoso Tribunal da Inquisição.

3. Foi uma época caracterizada pelo terror religioso, em decorrência, sobretudo, da atuação desse tribunal. A Europa vivia intimidada pelas verdadeiras atrocidades praticadas em nome de Deus. Dominicanos e Jesuítas pontificavam em matéria de fé, imposta, inexoravelmente, à custa do “crê ou morre”.

As perspectivas de um mundo melhor eram mínimas e todos que ousavam lutar por este ideal tiveram o mesmo destino que teve Giordano Bruno. Aliás, ele previu o seu fim, exatamente em face dessa situação que imperava na civilização ocidental. Nos proêmios do *Despacho da Besta Triunfante e Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*, declarou-se perfeitamente consciente de que seria *“odiado e censurado, perseguido e assassinado”*. Não lhe faltou a percepção de que não poderia esperar êxito com seu estudo e tra-

balho. Ao contrário, sabia que o prudente seria “*calar-se antes de falar*”, mas a sua convicção na eternidade, que não via com as nuances de um lugar de tédio, ociosidade e de omissão, o levou a esforçar-se para “*fender a corrente adversa do rio impetuoso, quando mais vê aumentada a veemência da mesma por seu trajeto agitado, profundo e precipitado*”. Por isso, empenhou-se em luta encarniçada contra a ignorância, o preconceito, o dogma e a intolerância, achando “*ser digno de mercenários ou escravos e contrário à dignidade humana sujeitar-se e submeter-se*” (Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1972, Vol I, p. 230).

4. Giordano Bruno retornou ao mundo físico, vivendo esse ambiente, na pequena cidade de Nola, perto de Nápoles, no ano de 1548. Seu nome de batismo era Filipe, mais tarde mudado para Giordano quando vestiu o hábito de clérigo no Convento napolitano de São Domingos. Depois de dez anos de vida conventual, doutorou-se em Teologia, em 1575. Estudou, nesse período, entre outros assuntos e matérias, toda a filosofia grega e medieval, a cabala judaica e a obra de Copérnico, ao qual dedicava profunda admiração. Impressionou-se também com Ário, principalmente em virtude de sua postura contrária à divindade de Jesus, e foi um leitor incansável de Erasmo de Rotterdam. Esses estudos e essas companhias teriam que fatalmente afastá-lo da ortodoxia católica, o que lhe ensejou constantes censuras e admoestações de seus superiores. Como não se curvava às mesmas, foi, afinal, processado por heresia, mas conseguiu salvar-se fugindo para Roma. A partir daí sua vida foi uma aventura constante, porquanto, depois de pequena demora nessa cidade, abandonou as vestes sacerdotais e passou a peregrinar pelo norte da Itália ensinando Astronomia. Desterrado por força da perseguição das autoridades eclesiásticas, viveu em Genebra, onde aderiu ao Calvinismo. Todavia, sua permanência na nova corrente religiosa foi muito pequena. Dela logo se afastou em face da intolerância sectarista dos seus adeptos. A seguir, peregrinou pela Europa, acabando por dar com os costados em Veneza, onde finalmente foi preso, em maio de 1592, graças à traição de João Mocenigo, em cuja casa se achava hospedado. Esteve recolhido ao cárcere até a sua execução. Durante todo esse período se viu sob a tutela do Santo Ofício, sendo que a maioria do tempo – sete anos – em Roma.

5. Seu temperamento, combativo e resoluto, talvez tenha sido o seu maior adversário, numa época em que, mais do que em outras, predominavam a covardia e a subserviência em face dos poderosos.

O seu vínculo inicial com a Igreja, principalmente a sua condição de integrante da Ordem de São Domingos, foi outro fator primordial de acentuado antagonismo que as autoridades do clero romano lhe dedicaram. A cúpula da Igreja depositava uma grande confiança nos “frades negros”, como eram chamados os dominicanos. A defecção de Bruno significava um abalo profundo na sistemática campanha que a ordem, como principal agente da Inquisição, mantinha contra os hereges de todos os tipos. Ela abria uma brecha na fortaleza, até então tida como inexpugnável, que havia sido erguida em defesa da fé que os “cães do senhor” (*domini canes*) – como eram chamados pelo populacho – haviam erguido graças à violência e à crueldade.

Jamais poderiam, pois, admitir a hipótese de que algum de seus membros se insurgisse contra o que sustentavam e defendiam, em nome de possíveis interesses superiores da ortodoxia (a respeito, H. G. WELLS, *História Universal*, Companhia Editora Nacional, SP, 1968, Vol. VI, p. 437).

6. Seus conceitos, seus pontos de vista e suas idéias falam muito de perto ao Espiritismo. Muitos, guardadas as devidas proporções e levando-se em conta o desenvolvimento científico, filosófico e religioso do momento histórico em que viveu, harmonizam-se profundamente com os ensinamentos que os Espíritos transmitiram a Allan Kardec na Codificação. A sua concepção de Deus era extremamente adiantada para a época e está muito mais para O Livro dos Espíritos que para os erros e enganos do Escolasticismo dominante. “*Fascinado pela imensidão do universo, que a astronomia do seu tempo estava revelando, afirmou que Deus é imanente nesse universo infinito, o princípio da atividade. Doutrinava que Ele é a união de todos os opostos no universo, uma união sem opostos que o espírito humano não pode alcançar.*” (S. E. Frost. Jr., *Ensinamentos Básicos dos Grandes Filósofos*, Ed. Cultrix Ltda., SP, 1958, p. 120.)

Esse seu pensamento foi várias vezes reafirmado. Segundo Victor Matos de Sá, um de seus estudiosos (*Introdução a Giordano Bruno*, que antecede a tradução portuguesa de *Acerca do Infinito e dos Universos dos Mundos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1967, p. 9 e seguintes) a imanência de Deus se estendia a “*um universo infinito e actual como consequência natural do poder divino e criador*”. Daí ele partiu para afirmar que a natureza é divina e para a conclusão de que o Universo é um todo em que nada é imóvel. Nessa movimentação universal, incluía a Terra, assumindo a “execrável” postura de defensor da Teoria de Copérnico, embora não compartilhasse da visão que este tinha do mundo. Concordava com ele a respeito de a Terra não ser o centro do universo, mas não acatava o seu raciocínio de este centro ser ocupado pelo Sol.

7. A pluralidade dos mundos habitados, fato que, ainda hoje, não é bem recebido pela ortodoxia romana, configurava uma heresia praticamente indefensável. Ele teve a coragem de sustentá-la, bem como a doutrina das vidas sucessivas. Entendia que o conceito da existência de mundos infinitos abria as portas para o conceito de infinitas possibilidades humanas. A respeito escreveu: “*Se existem mundos infinitos, então por que não poderá haver infinitas oportunidades para explorá-los? Uma pessoa, quer esteja dentro ou fora do corpo, nunca será completa. Ela tem a oportunidade de experimentar a vida de muitas formas diferentes. Assim como existe à nossa volta um espaço infinito, também a potencialidade, capacidade, receptividade, maleabilidade e matéria são infinitas*” (Giordano Bruno, in *Sobre o Imenso e o Inumerável*, citado por Elizabeth Clare Prophet, *Reencarnação, o Elo Perdido do Cristianismo*, Nova Era, Rio, 1999, p. 22-23).

Ainda sobre a mesma questão, afirmou em *Acerca do Infinito*: “*Existe apenas um espaço único, uma imensidão única e vasta a que podemos chamar Vácuo; nele existe uma infinidade de mundos como este em que vivemos e nos desenvolvemos. Consideramos este espaço infinito; nele existem mundos infinitos semelhantes ao nosso*” (op. cit. p. 22).

8. Um de seus argumentos que mais incomodou a Igreja era o que dizia respeito à possibilidade de os homens se salvarem independentemente de qualquer vínculo com ela, uma vez que a salvação poderia operar-se através do relacionamento direto com Deus. A questão já não se resolvia mais apenas em torno de um tema de teologia, mas passava a interessar de perto à própria sobrevivência econômica do Catolicismo, que se sustentava, em grande escala, na venda de indulgências ou de lugares no céu, de favores e benefícios divinos, numa autêntica exploração da credulidade pública. A aceitação de sua tese implicaria um sensível e irreparável desfalque na arrecadação de Roma, porquanto atingiria uma das mais rentáveis de suas fontes. Instituições, normas, usos, costumes e determinações pontificias – como é o caso do sempre lembrado *Livro das Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitenciaria Apostólica*, editado sob o pontificado de Leão X, em 1518 e que, segundo Emmanuel (*A Caminho da Luz*, psicografado por F. C. Xavier, 25. ed. FEB, p. 175) continha “*o preço de absolvição para todos os pecados, para todos os adultérios, inclusive os crimes mais hediondos*” –, perderiam sua eficácia e todo o esforço despendido para que fossem coercitivamente impostos ao homem nenhum resultado haveria de produzir...

Contudo, nada há de novo nesta postura de Bruno, porquanto ele apenas observou o que Jesus pregara a respeito, sobretudo quando deixou muito claro que a verdadeira religião prescinde de formalismos e de rituais e que se encontra livre de todo e qualquer liame ou compromisso com agrupamentos organizados e dirigidos pelos homens (Mateus, 6:5-8, e João, 4:23-24). Giordano Bruno entendeu, ao contrário da maioria dos pensadores da época, que o homem, na sua escalada evolutiva, prescinde de filiar-se a esta ou àquela seita religiosa, competindo-lhe, apenas e tão-somente, a fiel observância dos postulados fundamentais de nova lei que Ele veio enunciar: – “*Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos.*” (João, 8:31.)

9. Não se pretende elevar a figura de Giordano Bruno a patamares hierárquicos incompatíveis com a sua própria realidade. A toda evidência, ele não pode, sob o prisma dos dados referentes à sua história, ser tido à conta de possuidor de um elevadíssimo grau de evolução, circunstância que o situaria entre os “Espíritos Superiores” da classificação kardequiana. Isso implicaria o mais rematado açodamento, fruto, quem sabe, de

uma análise superficial de sua controvertida e impulsiva personalidade. Não há dúvida, contudo, que foi um espírito bastante adiantado para a época, tendo em vista não só o seu vasto conhecimento nos campos das ciências e da filosofia, mas, também, a ousadia e desassombro com que defendia e divulgava as suas idéias. Se não foi um “Espírito Sábio”, nos termos da mencionada classificação de Allan Kardec, esteve muito próximo disso. Altamente significativo foi o fato de que as suas conclusões acerca do Universo, principalmente aquelas que dizem respeito à infinidade dos mundos, decorreram do seu misticismo e de seus conhecimentos filosóficos. Esse detalhe que, aos olhos da crítica materialista, poderia implicar um demérito na análise de sua obra, cresce de importância sob a ótica espírita, uma vez que configura uma das primeiras tentativas concretas de se reconhecer, como realidade natural, a aliança da Ciência com a Religião. Verificou-se, pois, na hipótese, uma antecipação de algumas centenas de anos do início da missão a que, neste sentido, o Espiritismo se propõe, conforme se vê do pronunciamento de Kardec (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. I, no 8, Ed. FEB).

A física moderna, no que tange às novas conquistas sobre o infinito e o universo, corrobora inúmeras de suas idéias. Estas, por sua vez, estão em profunda conformidade com os ensinamentos transmitidos a respeito do assunto pela Espiritualidade. Dentro, pois, de uma linha de raciocínio lógico, a conclusão a que se chega é que a reencarnação de Bruno, juntamente com a de outros Espíritos de categoria semelhante, teve, entre outros objetivos, a preparação de terreno por onde o Espiritismo haveria de, três séculos depois, dar os seus primeiros e definitivos passos. E, no caso específico de sua obra e de sua vida, elas não se limitaram apenas a um dos três aspectos com que a Doutrina se apresenta, porquanto, embora não tenha cuidado da elaboração dos princípios científicos que regulam a comunicação entre os dois planos da vida, entreviu diversos ângulos que interessam ao Espiritismo como ciência e tratou expressamente de temas que se filiam à filosofia e à religião espíritas.

10. Inimigo declarado da ignorância e da superstição – detalhe que, mais uma vez, o aproxima de Kardec e do Espiritismo –, imputou às duas a responsabilidade por considerável número dos males da Humanidade. Os seus juízes acabaram por, involuntariamente, dar a este fato uma importância que, parece, nem sequer foi por eles percebida. Na farsa de que se constituiu o seu julgamento, a única obra de sua autoria nele mencionada foi a *Expulsão da Besta Triunfante*. A Igreja, preocupada em salvaguardar a qualquer preço a figura do Papa, assestou contra ela suas mais poderosas e beatíficas baterias. Errou, porém, o alvo. A “besta” nenhuma relação possuía com o chefe do Catolicismo, porquanto “representava o lado malévolos da natureza humana, como a superstição e a ignorância. Ele defendia uma religião baseada na razão, através da qual o homem pudesse purgar-se da ‘besta’ existente dentro de si” (Arthur D. Imert, in *Introdução para The Expulsion of the Triumphant Beast*, tradução inglesa, Nova Brunswick, N. J. Rutgers, University Press, 1964, p. 70). Há, iniludivelmente, entre o pronunciamento de Geordano Bruno e aqueles dos Espíritos e do Codificador, exaltando a necessidade premente de se processar a reforma íntima do homem, uma total e absoluta semelhança.

Todavia, não por esse motivo, que jamais foi objeto de maior cuidado de sua parte, mas pelas razões retroenumeradas, a Igreja viu nele um artefato perigosíssimo. Reuniu, então, sob a presidência do Cardeal Bellarmino, um grupo de oito cardeais, cujo único objetivo era destruir tão mortífera arma. Não se tem notícia do êxito de tal comissão. Sabe-se apenas que o temido cardeal se impressionou vivamente com os heréticos argumentos da obra. Seu orgulho e vaidade foram excitados ao máximo, tanto que fez questão que se gravasse, em sua lápide, a frase: “*Pela força subjuguem o cérebro dos orgulhosos.*”

Mal sabia ele que, três séculos depois, um professor francês haveria de abalar os carcomidos alicerces religiosos vigentes, proclamando, entre outras verdades, a excelência da religião natural, a possibilidade do intercâmbio direto da criatura com o Criador e a absoluta e incontestável necessidade de superação do “lado malévolos da natureza humana” através da observância plena das imorredouras lições do Mestre da Galiléia.

11. O “ex-frade negro” levantou dúvidas quanto à Santíssima Trindade, impugnou a encarnação do Filho, o que importa na negativa da divindade de Jesus, e reafirmou, por

várias vezes, sua crença na reencarnação, usando, para tanto, a conhecida passagem do Eclesiastes: – *“Nada há novo debaixo do Sol.”*

Seria, portanto, uma grande ilusão esperar-se para ele outro fim que não a fogueira do auto-de-fé. Queimaram seu corpo, queimaram seus livros, mas não conseguiram queimar as suas idéias, que, na verdade, não eram exclusivamente suas, mas de todos os Espíritos, encarnados ou não, que lutam para erradicar deste planeta as sombras da ignorância e do atraso que tanto concorrem para a infelicidade de seus habitantes. Duzentos e sessenta e um anos depois, tendo como cenário a Espanha de tantos e tantos radicalismos e atrocidades religiosas, um novo auto-de-fé tentava também sufocar idéias semelhantes. Só que, desta feita, a sociedade já não mais aceitava o bárbaro espetáculo das tochas humanas e os algozes da Inquisição tiveram de limitar o seu inconformismo e a sua violência à queima dos dois primeiros livros da Codificação Kardequiana.

Nos dois episódios, as idéias ressurgiram mais fortes das cinzas e permaneceram vivas e atuantes, conclamando os homens a encarar de frente a verdade, a razão e a fé, única forma que os irá libertar de seus erros e vícios e permitir a implantação do Reino de Deus entre nós.

●

A FEB e o Esperanto

Espiritismo, Esperanto e a Nova Era

AFFONSO SOARES

– *Bastante grande é a perversidade do homem. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?*

“Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai dia a dia reprimindo os abusos. Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”

(*O Livro dos Espíritos* – questão 784.)

OS PRIMEIROS MOMENTOS DO TERCEIRO MILÊNIO FICARAM ASSINALADOS PELA MANIFESTAÇÃO AUDACIOSA E ESPETACULAR DE FORÇAS QUE TÊM OBSCURECIDO OS HORIZONTES DA HUMANIDADE NUMA ÉPOCA DE EFETIVA CRISE MORAL.

É verdade que o choque não se deveu tanto à natureza da ação em si, sinistramente repetida em todas as partes do mundo ao longo das últimas décadas, quanto à magnitude e suposta invulnerabilidade do alvo.

Justamente por isso a comoção tomou dimensões planetárias, uma vez que ainda vive a Humanidade na terrível ilusão de que a paz deve assentar na força das armas e das hegemonias materiais de qualquer espécie.

Não é aqui o lugar para se esmiuçar as múltiplas causas imediatas que aceleraram a eclosão de um escândalo de tamanha proporção em nossa morada comum. Importa tão-somente firmar a convicção, à luz da revelação dos Espíritos, de que tudo está regido pela inexorável lei de causa e efeito, de que a cada um sempre será dado segundo suas obras e de que ainda nos movimentamos num regime de evolução caracterizado por estas sábias advertências de Jesus de Nazaré “Ai do mundo por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham os escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo” (Mateus, 18:7).

É, todavia, confortadora a constatação, visualizada pelo mundo inteiro graças a uma poderosa rede de comunicação, de que, ao lado de expressões saturadas dos primitivos sentimentos de vingança, revanche, ódio, muitas coletividades se inclinam às atitudes impregnadas da sublime, celeste essência que compõe a alma das religiões, numa evidente confirmação do que os Espíritos Superiores revelaram a Allan Kardec na pergunta de *O Livro dos Espíritos* que encima este artigo.

Não obstante a intensa materialidade que ainda inspira a vida da imensa maioria dos homens, o fato é que já se faz visível nas coletividades um cansaço, um desencanto em relação às velhas regras de conduta, ao mesmo tempo que os frutos amargos da indiferença pelo elemento espiritual vão inclinando a criatura a compreender que a verdadeira paz, a verdadeira felicidade nasce da prática do amor

fraterno, mesmo quando se manifeste na estreita medida que comporta a inferioridade humana.

E é aí que vemos o papel decisivo da dor, da atribulação, do sofrimento na construção do progresso das almas, principalmente num planeta cuja Humanidade tem escrito uma História inspirada, em sua maior parte, pelo orgulho e pelo egoísmo.

A Providência Divina, entretanto, jamais sonega às criaturas os meios com que se libertem das servidões morais e, assim, realizem os superiores destinos que lhes estão assinalados. Seus arautos descem ao mundo, de ordinário imobilizado em conceitos envelhecidos ou deturpados pelos prejuízos humanos, para trazer-lhes a luz com que atravessem os árduos caminhos da elevação. E, sem dúvida alguma, nesse presente e decisivo momento da História, em que “as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres” (...). (Emmanuel – *A Caminho da Luz*, cap. XXV, Ed. FEB), os homens são igualmente convocados a buscar a luz, a orientação, as armas pacíficas nos patrimônios sagrados de suas crenças, com os quais se conduzam, em meio às necessárias refregas, como membros de uma única família, filhos de um mesmo Pai.

Para que se saiba identificar essa sagrada alma das crenças, soprada pelo Cristo de Deus na sua divina missão de Condutor da Humanidade, já o mundo dispõe da Revelação dos Espíritos, a qual não vem destruir as religiões – como Jesus não veio destruir a Lei – mas fortalecê-las, despojando-as dos enxertos dogmáticos de origem humana, absolutamente estranhos, infensos mesmo ao que nelas é de inspiração divina, e assim as aproximando das puras, legítimas doutrinas do Evangelho.

Uma outra força, porém, um outro instrumento compõe igualmente o arsenal disposto pelo Divino Mestre para que os homens de boa vontade empreendam a construção da nova era de paz e regeneração que se anuncia.

Sobre esse instrumento, entretanto, pacífico e pacificador, preferimos que fale a voz autorizada do venerando Espírito Emmanuel, em sua mensagem de 19 de janeiro de 1940, intitulada “A Missão do Esperanto”, recebida psicograficamente pelo médium Francisco Cândido Xavier, de que transcrevemos os trechos a seguir:

“No cômputo das transformações por que passa o mundo, não são poucos os núcleos de organização espiritual que se instalam na Terra com vistas ao porvir da Humanidade. Se por toda parte observamos o esboroamento das obras humanas, a fim de que se renove o caminho da civilização, contemplamos também as atividades do exército de operários das edificações do futuro, como se fossem construtores de um mundo novo, dispersos nas estradas terrestres, procurando ajustar suas diretrizes.

São esses, sim, os artífices do progresso divino. Empunham o alvião formidável da fé, acima de tudo, nAquele que é a luz dos nossos destinos. No acervo desse aparelhamento de energias renovadoras, objetivando o vindouro milênio, quero referir-me ao Esperanto (...).

.....
A língua auxiliar é um dos mais fortes brados pela fraternidade que ainda se ouve nesse planeta empobrecido de valores espirituais, neste instante de isolamento, de autarquia, de egoísmo e de nacionalismo adulterado.
.....

Sim, nesta hora o Esperanto é uma força que atua para a união e a harmonia, com o facilitar que se estabeleça a permuta dos valores universais do pensamento, em forma universalista. Sonho? Propaganda só de palavras? Novo movimento para criar um interesse econômico? Todas essas suposições poderão ser formuladas pelos espíritos desprevenidos; mas, somente pelos desprevenidos que aguardam a adesão geral, para comodamente expressarem suas preferências. Os que, porém, buscam a luz da sinceridade para o exame de todos os assuntos, saberão encontrar, no movimento esperantista, essa claridade reveladora que, em realizações sagradas, desde agora esclarecerá, mais tarde, as idéias do mundo, fazendo ressaltar a nobreza dos seus princípios, orientados por aquela fraternidade que nasce do pensamento divino de Jesus para todas as obras da evolução humana.

Sim, o Esperanto é lição de fraternidade. Aprendamo-la, para sondar, na Terra, o pensamento daqueles que sofrem e trabalham noutros campos. Com muita propriedade digo: “aprendamo-la”, porque somos também companheiros vossos que, havendo conquistado a expressão universal do pensamento, vos desejamos o mesmo bem espiritual, de modo a organizarmos na Terra os melhores movimentos de unificação.

Deus é venerado pelos homens através de numerosas línguas, de que se servem as seitas e as religiões, todas tendendo para o maravilhoso plano da unidade essencial. Copiemos esse esforço sábio da natureza divina e marchemos para a síntese da expressão, malgrado a diversidade dos processos com que se exprimem os pensamentos.”

Trabalhemos, irmãos e co-idealistas, com redobrado fervor pela divulgação desses nobres ideais que são indiscutivelmente o fundamento da nova era de renovação social e moral. ●

Trova do Além

Quem lança a boa palavra
De amor e consolação,
Espalha por toda a Terra
Os dons do divino pão.

Semante la bonan vorton,
Konsolan, plenam de amo,
Vi verzas tra l' tuta mondo
La benojn de l' Dia Pano.

Meimei

Fonte: XAVIER, F. C. – *Pão Nosso*, edição em português da FEB; *Patro Nia*, edição em Esperanto da Spirita Eldona Societo F. V. Lorenz.

A Conexão Vinda da Capela

Estudo Analítico

KLEBER HALFELD

Em sua obra *A Caminho da Luz*¹, dissertando Emmanuel a respeito dos quatro grandes povos que em épocas remotas estabeleceram-se na Terra, vindos de um dos orbes que gravitam ao redor de estrela designada com o nome de Cabra ou Capela, escreve: “É de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinarem-se os defeitos e virtudes que trouxeram do seu país longínquo, bem como os antagonismos e idiossincrasias peculiares a cada qual” (cap.III).

Consoante esclarece ainda este Mentor Espiritual, os degredados da Capela ao aportarem em nosso planeta formaram o grupo dos Árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

No presente trabalho focalizaremos de forma particular os arianos e os judeus, buscando estabelecer a conexão existente através dos séculos entre estes dois povos, malgrado possa esta intenção parecer detalhe de somenos importância. Conexão que, existente desde um passado distante, permanece no presente, fazendo-nos acreditar que há remanescentes desses dois povos de “capelinos”, os quais ainda não regressaram ao antigo orbe, na Constelação do Cocheiro.

...

Em um estudo analítico Emmanuel concede às duas civilizações – dos arianos e judeus – qualidades e defeitos. Objetivando não alterar as incisivas e claras expressões do Mentor que conquistou a admiração e o respeito da comunidade espírita, anotemos literalmente suas judiciosas palavras, apenas destacando aquelas que julgarmos de maior necessidade e interesse para o presente trabalho. Levantamento que deixa transparecer a meridiana clareza das afirmativas do autor de *A Caminho da Luz*.

Enumeramos, a seguir, os tópicos comparativos entre os dois povos em foco:

1. A respeito dos habitantes de Israel escreve Emmanuel:

“Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida” (cap. VII, p. 65).

Com referência aos arianos explica:

“Mais revoltados e enrijecidos que todos os demais companheiros exilados no orbe terrestre, suas reminiscências da vida pregressa nos planos mais elevados, qual a que haviam experimentado no sistema da Capela, traduziam-se numa revolta íntima, amargurada e dolorosa, contra as determinações de ordem divina” (cap. VI, p. 58-59).

Observação – O mesmo princípio de distanciamento da humildade nos dois povos, virtude que no dizer do Espírito Lacordaire, em 1863, na cidade de Constantina, Argélia, é muito esquecida entre nós terrestres.²

¹ XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*, pelo Espírito Emmanuel, 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

² KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 117. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. VII, no 11, p.

2. “(...) pouco afeitos aos misteres religiosos (...) não cuidaram da conservação do seu tradicionalismo, na ânsia de conquistar um novo paraíso (...)” (Alusão de Emmanuel aos arianos, p. 58.)

Este mesmo desejo de buscar uma terra que traduzisse um paraíso caracterizou os judeus, embora, no que diz respeito ao princípio religioso, guardassem uma apreciada fortaleza espiritual, que na afirmativa desse Mentor era um sentimento “que lhes nutria a fé nos mais arrojados e espinhosos caminhos” (p. 68).

Observação – Nos dois povos o mesmo desejo de encontrar algo que haviam perdido em distante passado...

3. Neste tópico vamos vislumbrar uma faceta sumamente positiva atribuída por Emmanuel aos arianos:

“Enquanto os semitas e hindus se perderam na cristalização do orgulho religioso, as famílias arianas da Europa, embora revoltadas e endurecidas, confraternizaram com o selvagem e nisso reside a sua maior virtude” (p. 59).

Mas o povo de Israel não escapa ao exame do autor de *Há 2000 anos...*:

“Entretanto, em honra da verdade, somos obrigados a reconhecer que Israel, num paradoxo flagrante, antecipando-se às conquistas dos outros povos, ensinou de todos os tempos a fraternidade, a par de uma fé soberana e imorredoura” (p. 66).

Observação – Tanto em um povo como no outro a qualidade que Edmond Privat aconselha em sua terna obra Karlo: a necessidade que há de enxergarmos sempre a parte angelical que existe nas criaturas humanas.

4. Tanto os povos arianos quanto os judeus têm experimentado terríveis pressões, de que em verdade lhes resultam penosos sacrifícios.

Sabemos que mais ou menos na década de 20 mergulhou a Alemanha numa fase muito crítica, com acentuada falta de emprego, altíssima inflação, enfim, uma triste miséria a assolar o país. Semelhante situação em parte era devido ao conhecido Tratado de Versalhes, o qual impôs ao país uma política extremamente punitiva, originária dos países vencedores da Primeira Grande Guerra Mundial. Por outro lado, em nos referindo a Israel, como esquecer os diversificados processos de humilhações pelos quais passou, a começar pelo cativo no Egito e continuando através de outras perseguições, até àquelas verificadas durante a Segunda Grande Guerra Mundial?

Dois povos. A passagem por semelhantes processos de sofrimento!

5. Sempre foi aspiração por parte dos judeus a chamada pureza racial. Em conseqüência, durante muitos anos, tem imperado uma reserva com referência aos casamentos com pessoas de outras raças. Possivelmente com o passar dos anos tenha essa prevenção diminuída ou mesmo acabado. Esperamos!

Na Alemanha das décadas de 30 e 40, a idéia de uma raça pura constituiu uma obsessão. Era o ideal de Hitler, seu Estado-Maior e, afinal de contas, de muitos alemães. Na consecução desse objetivo, um sem-número de mulheres eram utilizadas em variadas experiências, do que, não raramente, muitas perdiam suas vidas. Alguns observadores políticos e estudiosos da Ciência chegaram a considerar válido semelhante ideal, mas ficariam chocados com os métodos usados: desumanos, injustificáveis, inaceitáveis!

6. Duas figuras no passado estiveram ligadas: uma no campo do judaísmo, outra no do arianismo. Referimo-nos a Einstein e Hitler. Ambos mundialmente co-

nhecidos. Inteligentes! O primeiro pelas teorias científicas que apresentou ao mundo. O segundo pela liderança militar à frente da Alemanha. No campo da Arte, um era músico (violinista); outro, artista plástico. Tanto o destino os uniu como os separou, como consequência, é óbvio, de opções que adotaram.

7. O nome do patriarca do judaísmo é “Abraham”. De acordo com a etimologia, ou seja, a parte da lingüística que estuda a origem e o significado das palavras, verifica-se que este nome se liga àquele de “Brahamam” (absoluto, totalidade, força maior do Bramanismo). Este, por sua vez, é a raiz do Hinduísmo, religião que possui grande número de adeptos. Anotemos neste ponto que a Grande Enciclopédia Larousse Cultural, à frente do verbete Bramanismo, coloca entre parênteses o seguinte: Sin. Hinduísmo.

Vejamos, agora, um curioso fato.

Os hindus, povo em cujo seio medrou o Hinduísmo, ressaltam que pertencem ao tronco étnico dos árias, uma vez que o Hinduísmo é o herdeiro autêntico da religião dos invasores *arianos*!

Uma sintomática ligação!

...

Atentos aos itens considerados, somos levados a aceitar a *conexão existente, através dos séculos, entre judaísmo e arianismo, aqui no planeta. Mas podemos indagar: por que não no orbe de origem, também?* Aliás, referência feita ao setor terrestre, cremos de validade, igualmente, a existência de outras conexões, considerando-se as civilizações do Egito e da Índia.

Podemos afirmar também que muitos “capelinos” já terão, através dos tempos, retornado ao mundo que os degredou, enquanto outros permanecem ainda em nosso globo.

Esta consideração tem a cobertura do próprio Emmanuel, o qual escreve em se referindo aos exilados da Capela:

“Grande percentagem daqueles Espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, *permanecem ainda na Terra, nos dias que correm*, contrariando a regra geral, em virtude de seu elevado passivo de débitos clamorosos.” (Cap. III, p. 37 – grifo nosso.)

Com semelhantes esclarecimentos apresentados por Emmanuel e mediante alguns adendos que foram feitos, podemos concluir que:

a) Os exilados da Capela formaram aqui na Terra quatro grandes povos: o grupo dos Árias, a civilização egípcia, o povo de Israel e a civilização indiana;

b) Ao final de alguns séculos, parte da população correspondente a estes quatro povos pôde ressarcir os débitos que haviam contraído no orbe de origem, voltando ao mesmo devidamente autorizados pelo Plano Superior;

c) O estudo dos povos ariano e judaico revela-nos existir muitos pontos em comum, conexão esta, acreditamos, já existente mesmo no mundo de onde saíram, traduzida por sentimentos idênticos que os ligavam;

d) Existem “capelinos” que não puderam regressar ao seu orbe de origem. Estarão encarnados no seio dos dois povos – ariano ou judaico – ou, até mesmo, em outras civilizações terrestres;

e) É deveras oportuno o estudo desses quatro grandes povos, conforme escreve Emmanuel. Muitas coisas ainda veladas poderão ser dadas ao nosso conhecimento!



Clonagem

UMBERTO FERREIRA

Um novo artigo sobre clonagem humana seria dispensável, se não fosse a insistência de alguns pesquisadores em tentar clonar o ser humano.

Em sua edição nº 32, ano 34, a revista *Veja* traz uma reportagem sobre o anúncio feito por dois pesquisadores – Severino Antinori e Panayiotis Zavros – de que pretendem iniciar experimentos de clonagem humana até o final do ano. Para isso, já contam com duzentas mulheres catalogadas para implantação dos embriões. Na edição nº 34, *Veja* traz uma entrevista com o Dr. Severino Antinori. Ele prevê o nascimento do primeiro bebê clonado em 2003. Afirma ele que não é um Hitler e que as experiências serão realizadas com critérios rigorosos de modo a atender somente a casais que não podem ter filhos e que “o foco está voltado para o homem que não consegue ser pai”.

Como os próprios pesquisadores reconhecem, as probabilidades de insucessos são muito grandes. Além disso, terão que enfrentar posições contrárias da própria comunidade científica, governos e religiões. Com muita obstinação pode ser que consigam realizar os experimentos e obter êxito. Por enquanto só Deus, Jesus e os Espíritos de grande elevação o sabem.

O método prevê a implantação imediata do embrião clonado no útero, de tal forma que desse ponto para a frente tudo aconteceria como numa gestação normal.

Não é impossível que um Espírito seja ligado ao embrião, como acontece quando um óvulo é fecundado.

Como o Dr. Antinori explica, o indivíduo clonado teria 80% da carga genética do pai e 20% da mãe. Portanto não poderia ser igual ao pai, sob o ponto de vista biológico. Não seria uma “fotocópia”, como enfatizou na sua entrevista.

No aspecto psicológico, sem dúvida seriam diferentes. O processo seria o mesmo dos gêmeos univitelinos. Cada um dos gêmeos tem um Espírito, com a sua individualidade e personalidade.

Não dispomos de elementos para afirmar que a clonagem, conduzida dessa maneira, seja possível ou impossível.

Os Espíritos nos ensinam que Deus julga de acordo com a intenção. Pelo menos, como afirmou em sua entrevista, o Dr Antinori está imbuído de propósitos nobres. Por outro lado, os Espíritos ensinam que Deus estabeleceu limites para a ação do homem. Resta saber se esse tipo de pesquisa está dentro dos limites estabelecidos por Deus.

Nós, espíritas, sabemos que a impossibilidade de ser pai ou mãe está relacionada com a lei de causa e efeito. Trata-se, pois, de provação ou expiação. Adotar filhos, sem dúvida, é uma solução que está de acordo com as leis de Deus. ●

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

JOSÉ CARLOS DA SILVA SILVEIRA

O lançamento da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), ocorrido na reunião do Conselho Federativo Nacional de 1983, representou avanço significativo no trabalho de Unificação do Movimento Espírita, uma vez que atestou a unidade de vistas dos membros do CFN em torno da aquisição do conhecimento espírita na forma de cursos regulares, consoante preconizado por Allan Kardec. Na oportunidade da citada reunião, o Espírito Bezerra de Menezes, em mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, acentuou:

Um programa de estudo sistematizado da Doutrina Espírita, sem nenhum demérito para todas as nobres tentativas que têm sido feitas ao longo dos anos (...) é o programa da atualidade sob a inspiração do Cristo.

Hoje, passados quase vinte anos do lançamento dessa Campanha, evidencia-se o interesse crescente dos espíritas pelo estudo sistematizado da Doutrina Espírita. Por toda parte, foram implantados cursos de Espiritismo, cujos conteúdos são dispostos obedecendo a uma seqüência lógica de assuntos necessariamente inter-relacionados.

Nada obstante, ante a proximidade das comemorações, em 2003, dos vinte anos de existência da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – acontecimento que nos leva a organizar esforços no sentido da sua revitalização, a exemplo do lançamento do folder que acompanha este número de REFORMADOR –, afigura-se-nos importante enfatizar alguns aspectos atinentes à própria conceituação do ESDE, a fim de mantê-lo nos parâmetros em que foi idealizado, parâmetros esses que podem ser considerados como a razão do sucesso da Campanha ao longo desses anos.

Assim, podemos conceituar o ESDE como *uma reunião privativa de grupos, a qual objetiva o estudo metódico, contínuo e sério do Espiritismo, com programação fundamentada na Codificação Espírita.*

O primeiro ponto deste conceito a ser destacado é o objetivo do ESDE.

Embora seja óbvio que o seu objetivo é o de estudar o Espiritismo de forma metódica, contínua e séria, com programação fundamentada na Codificação Espírita, não é demais ressaltar esse aspecto, uma vez que, ocasionalmente, se vêem tentativas de se incluírem, nos cursos do ESDE, teorias estranhas ao contido nas obras básicas do Espiritismo. Desse modo, é preciso que estejamos sempre alertas, uma vez que o ESDE visa ao estudo sistematizado do Espiritismo, e nada mais.

Outro aspecto a salientar é a própria metodologia adotada no Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

O método de estudo em grupo tem facilitado a aquisição do conhecimento espírita porque estimula os participantes do ESDE a trocarem informações e experiências, propiciando-lhes não apenas a construção do seu próprio entendimento do Espiritismo, mas também o desenvolvimento de suas qualidades afetivas pelas

reiteradas oportunidades de interação grupal. Assim, não somente se atingem os objetivos cognitivos respeitantes à assimilação teórica dos conteúdos, mas também os objetivos afetivos do ESDE – condizentes com a prática do Espiritismo –, possibilitando aos participantes do curso a vivência de situações que os auxiliem no processo de educação dos seus sentimentos, para que possam tornar-se espíritas autênticos, aqueles que, no dizer de Kardec, serão reconhecidos pelos esforços que empregam *para domar suas inclinações más*.

Essas reflexões parecem-nos oportunas no estágio atual da Campanha do ESDE, de modo a manter sempre viva a chama do estudo do Espiritismo pela organização de cursos de Doutrina Espírita que possam, de fato, como afirmou Kardec em Obras Póstumas (18. ed. FEB, p. 342), *exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas conseqüências*. ●

3º Congresso Espírita Mundial

A Capital da Guatemala sediou o evento, de 1º a 4 de outubro de 2001

Patrocinado pelo Conselho Espírita Internacional, a *Cadena Heliosófica Guatemalteca* realizou na Cidade da Guatemala o 3º Congresso Espírita Mundial, nas dependências do Hotel Marriot, com comparecimento diário de 800 a 1.000 pessoas, em sua maioria daquele país, no qual existem cerca de 300 instituições de difusão do Espiritismo, denominadas *Escuelas Heliosóficas*.

Sessão de Abertura

O 3º CEM foi iniciado no dia 1º de outubro por Genaro Bravo Rabanales, Presidente da *Cadena Heliosófica Guatemalteca*, com uma oração pela Paz (ver Box), seguindo-se saudações do Secretário-Geral do CEI, Nestor João Masotti, do Presidente do Comitê Organizador, Gilberto Recinos Mijangos, e do dirigente da *Confederación Espiritista Colombiana*, Fábio Villarraga, que falou em nome dos visitantes de outros países. A palestra de abertura foi proferida pelo Sr. Genaro Bravo Rabanales.

Desenvolvimento dos Trabalhos

Com base no tema central *Uma proposta de Educação para o Ser Humano*, ocorreram diariamente seis atividades simultâneas, que atenderam às áreas científica, filosófica, moral, religiosa e de administração, desenvolvidas por expositores dos seguintes países: Argentina, Bélgica, Brasil, Colômbia, El Salvador, Estados Unidos, França, Guatemala, Inglaterra, Panamá, Portugal e Suíça. As palestras, com recursos audiovisuais, despertaram vivo interesse nos participantes.

Realizaram-se, também, seminários com atividades práticas, assim como sessões para as crianças e os jovens.

No encerramento do Congresso, houve a apresentação do Balé Folclórico Guatemalteco, um quadro de exaltação da paz realizado por membros do Movimento Espírita de Honduras e palestra pelo confrade Genaro Bravo Rabanales.

Organização do Congresso

O 3º CEM contou com o seguinte Comitê Organizador: Gilberto Recinos Mijangos, Presidente; Genaro Bravo Rabanales, Vice-Presidente; Edwin Genaro Bravo Marroquin, Coordenador-Geral.

Além dos trabalhos e problemas naturais na preparação de um evento desse porte, o Comitê enfrentou, nos dias anteriores ao Congresso, algumas dificuldades, na Cidade da Guatemala, por pressões de grupos religiosos que provocaram intensa campanha contrária à sua realização, a ponto de o Hotel anteriormente definido como sede pedir a suspensão do contrato. Em face das proporções dessa campa-

nha, jornalistas se interessaram em saber o que é o Espiritismo e os propósitos do Congresso. Algumas entrevistas com líderes espíritas, acrescidas das informações acerca do convite para a representação do Espiritismo no “Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial”, no ano 2000, promovido pela ONU, colaboraram para que se formasse uma opinião diferente daquela que vinha sendo apregoada pelos grupos religiosos que se opunham ao evento.

Os problemas internacionais resultantes dos atentados terroristas aos Estados Unidos, em 11 de setembro, influíram, também, na programação do Congresso, visto que alguns congressistas inscritos e expositores convidados não puderam comparecer, em face da instabilidade política internacional e da precariedade de segurança.

Reunião do CEI

Deveria realizar-se na cidade da Guatemala, em 5 e 6 de outubro, a Reunião Ordinária do Conselho Espírita Internacional. Todavia, em face da ausência da maioria dos países-membros do CEI, pelos motivos acima citados, a reunião foi adiada e será realizada no Brasil, em Brasília, de 9 a 14 de fevereiro de 2002.

Visita ao Altiplano

Nos dias 29 e 30 de setembro – antecedendo o início do Congresso –, mais de 100 congressistas visitaram, em três ônibus fretados, o Altiplano – local montanhoso em que camponeses de origem indígena mantêm reuniões de estudo da Doutrina Espírita. Para os participantes, a viagem foi considerada gratificante e enriquecedora de novos conhecimentos. ●

Oración por la Paz

Dios Todopoderoso y Misericordioso, permitid que este planeta terrenal sea asistido por Espíritus de Luz para que puedan detener la ola de terror que prevalece en la Humanidad.

Asimismo, te pedimos Señor, por aquellos nuestros hermanos que a diario están dejando su materia corporal, para que puedan pronto entrar a la Patria Espiritual y no contaminen a otros haciendo más grande la ola de venganza que destruye la vida de los seres.

Padre Nuestro, sea cual fuere la ideología de los hombres, todos somos hermanos, por eso te pedimos que no corra más sangre y que haya Paz en la mente de todos. Sabemos que solo tu mano bendita puede detener esa ira y ese odio que divide a tus hijos.

Señor, dadles resignación a las madres, esposas, hijos y demás familiares de los que violentamente se fueron, para que con el ruego de todos, alcancen pronto su elevación y se conviertan en protectores aún de sus propios enemigos para comenzar a cumplir las sagradas palabras del Maestro Jesús diciendo: Padre, perdónalos porque no saben lo que hacen. Sólo así comenzara la paz en el mundo que habitamos mediante tu voluntad lo permita.

Padre, que nuestras mentes no se confundan con la maldad de los otros, dándonos esa fuerza necesaria para rechazar el odio y la venganza, para que reconozcamos que la siembra es libre y la cosecha obligatoria en el futuro; que solamente al unísono de esta plegaria podamos decir: Padre Celestial, perdónanos a todos, porque como humanos, somos débiles y caemos en el mal.

(Oração de Genaro Bravo Rabanales, lida na abertura do 3o Congresso Espírita Mundial, realizado na Capital da Guatemala, nos dias 1º a 4 de outubro de 2001)

A Felicidade é Possível?

LUCY DIAS RAMOS

Através de todos os tempos, muitas religiões têm se mostrado ineficazes na solução dos problemas humanos, principalmente, como agentes de equilíbrio e profilaxia das dores morais que aniquilam as melhores aspirações de plenitude íntima.

Analisando a evolução do pensamento religioso até o século XIX, deparamos com instituições frias, radicais, que tolhiam a liberdade de pensar e de agir através de um poder constituído.

Inúmeras religiões, demarcando as classes sociais, isolando-se em pontos de vista convencionais, alimentaram, durante séculos, as paixões inferiores, especialmente o egoísmo e o orgulho de seus adeptos, gerando a incredulidade dos que não se submetiam às suas diretrizes e dogmas.

Detendo-nos apenas na análise do Cristianismo, é fácil entender como a distorção dos ensinamentos de Jesus, após o século III, levou os detentores do poder temporal a atividades belicosas e perseguidoras, impondo deveres e compromissos gerados pelo fanatismo religioso, o que resultava em crimes hediondos, em nome da fé cristã.

A perseguição religiosa, a intolerância aos que não seguiam suas crenças perduraram no Brasil até meados do século XX. Ainda hoje, a fraternidade e a aceitação do outro, que não se identifica com determinado credo religioso, coloca o ideal cristão – “amai-vos uns aos outros” – bem distante da realidade em que vivemos.

Muitos estudiosos e escritores que analisaram a evolução histórica das religiões colocam-se como obstáculos à conquista da felicidade. Argumentam citando exemplos das religiões orientais que, a pretexto da purificação interior e da elevação espiritual, adotam atitudes extremas de mortificação do corpo, sem conseguir debelar a miséria física e moral dos seus seguidores.

No Ocidente, a partir do século XIX, um novo conceito, mais humano e social, tem levado alguns líderes religiosos a uma conduta que visa a amenizar o sofrimento da Humanidade.

A evolução científica estimulou o homem a buscar sua libertação espiritual. Sua mente, mais aberta às pesquisas e às inquirições filosóficas, já não se contenta com fantasias mitológicas nem crenças pueris, lutando para impedir o cerceamento de sua liberdade. Além deste posicionamento, surge, na maioria dos grupos religiosos cristãos, uma visão existencial com a preocupação de se impor nova ordem social alicerçada no amor, na fraternidade e na tolerância, numa tentativa de reparar os erros do passado...

A conclusão realista de tudo o que podemos observar, através da evolução histórica das religiões, é que elas sempre, em se transformando em organizações ou instituições, vão se distanciando, aos poucos, de seus princípios básicos e de seus objetivos iniciais. Isto ocorreu ao longo dos tempos.

Com a codificação do Espiritismo no século XIX, uma nova visão dos conceitos de fé e moral cristã é estabelecida. A razão e o raciocínio levam pesquisadores e estudiosos da alma humana e de sua destinação espiritual a uma formação reli-

giosa mais profunda. É o Cristianismo que retorna, cumprindo a promessa de Jesus, enviando-nos o Consolador Prometido.

Um novo alento surge nas almas sequiosas de paz e entendimento. A felicidade, como ensinara Jesus, é possível. Entretanto, a fé raciocinada enseja ao ser humano a entender o porquê do sofrimento, da dor e das desigualdades sociais através da lei da reencarnação, que confirma a justiça divina e suas conseqüências morais coerentes com o que nos ensinara Jesus.

A felicidade relativa, decorrente da harmonia íntima, é possível e todos poderemos consegui-la. Este é, também, o pensamento de Joanna de Ângelis quando nos ensina que: “Idear a felicidade sem apego e insistir para consegui-la; trabalhar as aspirações íntimas, harmonizando-as com os limites do equilíbrio; digerir as ocorrências desagradáveis como parte do processo; manter-se vigilante, sem tensões nem receios e se dará o amadurecimento psicológico, liberativo dos carmas de insucesso, abrindo espaço para o auto-encontro, a paz plenificadora.”*

Compreenderemos então que a felicidade requer o autoconhecimento para estarmos em paz com a vida e com o próximo, limitando nossas ambições nos parâmetros do que nos é essencial, sem abusos ou distorções; desejar somente o que nos mantém equilibrados dentro do entendimento do real sentido da vida; manter a vigilância e a fé para sentir segurança e apoio nas horas difíceis, sabendo esperar e entender que nem tudo nos é lícito, mesmo sendo possível sua concretização.

Aprenderemos, assim, a não fugir às responsabilidades assumidas, a respeitar as leis morais estabelecidas por Deus, nosso Pai, o que, certamente, resultará na conquista da paz e da plenitude íntimas. ●

* FRANCO, Divaldo P. O Homem Integral. Salvador (BA): Livraria Espírita Alvorada, 1990, p. 121-122.

Utilidade Pública Federal

Várias Casas Espíritas têm tido os seus pedidos de reconhecimento de utilidade pública federal indeferidos pelo Ministério da Justiça sob o argumento de que a Constituição Federal, em seu artigo 19, inciso I, veda a concessão do título a entidades que promovam a pregação de culto, ainda que pratiquem a assistência social, ou, como concluído em recente Parecer expedido pela Secretaria Nacional de Justiça do mesmo órgão, de no 547/2000, datado de 30-10-2000, *“não se coaduna com a legislação que rege a matéria aliar-se assistência social com evangelização e catequese”*.

Tal argumentação, equivocada, pois prejudicial às Instituições Espíritas em geral, já fora contestada pela Federação Espírita Brasileira junto aos órgãos federais envolvidos, considerando que a Advocacia-Geral da União, ao examinar matéria conexa – concessão de Certificado de Entidades de Fins Filantrópicos – por expressa determinação do Senhor Presidente da República, sedimentou o entendimento, através da Nota Agu/La no 2/94, de que as limitações impostas no artigo 19, inciso I, da Carta Federal às igrejas e cultos religiosos e à colaboração de interesse público destas, aguardavam, ainda, disciplinamento legislativo. E tal entendimento, pela intimidade que guarda com a matéria que envolve a concessão do título de utilidade pública federal, foi, a pedido da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, como Federativa interessada, transmitido pelo Senhor Advogado-Geral da União ao Ministério da Justiça via Aviso no 1220/AGU/96, de 27-12-1996, para observação, à vista do disposto na Lei Complementar no 73/93, que instituiu a Lei Orgânica da Advocacia-Geral da União, que obriga os organismos oficiais do Estado a dar fiel cumprimento aos Pareceres aprovados por aquele órgão jurídico, dado o caráter normativo de que se revestem.

Causa surpresa ao Movimento Espírita a postura obstativa ora adotada pelo Ministério da Justiça com relação à outorga dos títulos de utilidade pública federal pleiteados por algumas Instituições Espíritas, pois que tal negativa colide com a orientação oficial definida e balizada para a resolução do assunto, exarada pelo organismo estatal competente.

Em face da flagrante violação do princípio constitucional da legalidade, segundo o qual ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei (artigo 5o, inciso II, da Carta Federal), a USEERJ está oficiando à Secretária Nacional de Justiça, Dra. Elizabeth Sussekind, pleiteando a revogação da orientação contida no já referido Parecer no 547/2000 daquele órgão, emitido para indeferir o título de uma Instituição Espírita do Estado do Rio de Janeiro, em harmonia com o Aviso no 1220/AGU/96, da Advocacia-Geral da União.

Mantida pelo Ministério da Justiça a negativa na concessão daqueles títulos, sob o argumento de vulneração do artigo 19, inciso I, da Carta Federal, e ao arrepio do entendimento da Advocacia-Geral da União, haverá possibilidade de recurso ao Poder Judiciário.

Fonte: União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro – Assessoria Jurídica.

Indiferença Moral

LUCY DIAS RAMOS

“Não sois máquinas! Homens é que sois.

Mais do que máquina, precisamos de humanidade; mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura.

Lutemos por um mundo novo (...)

Um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.”

Charles Chaplin, Último Discurso

(O Grande Ditador).

Vivemos tempos de angústias, de estraçalhamentos da alma, no qual presenciamos, com absoluta indiferença uns, com muda inquietação e sentimento de impotência outros, a dor do próximo, seja a de irmão carnal ou a de companheiro de trabalho, seja a de familiar, amigo ou vizinho.

Uns vêem e fingem não ver, outros vêem, aparentemente sem meios de amenizar a dor, de estender mãos aos caídos. À nossa volta, muitos vivem dramas dolorosos, vidas preciosas se estiolam.

Dentre esses dramas, destacam-se os que envolvem os alcoolistas, os dependentes químicos de toda ordem, os doentes mentais e os portadores de enfermidades físicas graves.

A dor daqueles que sucumbem diante desses males – e a de seus familiares e amigos – só é menor do que o nosso desamor. Pois sobeja-nos egoísmo, omissão, indiferença, frutos do “salve-se quem puder” da vida “moderna”, do “cada um por si e Deus por todos”.

Desamor e comodismo endurecem-nos o coração – o músculo mais sagrado de nosso organismo! –, cegam-nos os olhos, ensurdecem-nos os ouvidos, calam nossa voz, petrificam-nos a alma.

A nós, que tanto prezamos nosso corpo, e ao qual dispensamos os maiores cuidados, ver petrificado o coração é deixar endurecer nossa parte mais nobre: nossa alma eterna, que pulsa no calor de suas incansáveis batidas!

Não podemos nos omitir diante de quadros assim dolorosos.

Além da cota de amor de cada um, doemos nossos atos, nossa voz, nosso braço amigo, nossa presença, nosso “óbolo da viúva”, contribuindo, dessa forma, para amenizar a dor de nosso próximo.

Omissão é atitude criminosa, pois, se a dor hoje mora ao lado, ela pode mudar de endereço a qualquer hora. E só então veremos a importância da fraternidade, da solidariedade.

Fugir ao comodismo, visitando companheiros e familiares enfermos, um dia por mês que seja, é nosso dever. A dor do outro pede a renúncia ao clube, à novela ou a qualquer outro programa.

Ouvir o que sofre é nosso dever. Para ele é precioso um sorriso fraterno, o afeto, um gesto de carinho, um momento de compreensão e entendimento, um to-

que de mão. Isso não nos prejudicará em nada. Ao contrário, levar-nos-á à prática da melhor ginástica para a saúde do coração: que é a de aprender a amar e de agir para minorar o mal à nossa volta. Todos ganharemos.

Amigos nossos, após longa convivência ao nosso lado, caem vítimas de derrame cerebral, de acidente, e estão presos a cadeiras de rodas, ao leito de dor, e nós – a correr sem parar, atrás da sobrevivência, de bens materiais –, sem nos lembrarmos deles, sem visitá-los de tempos em tempos! Nós, seus “irmãos”, os relegamos ao abandono. Onde nossa vivência cristã, nessas horas?

Visitas fraternas são um princípio. Começemos por elas, levando apreço aos enfermos, demonstrando-lhes que em nosso peito pulsa um coração amigo, fraterno, solidário na alegria e na dor.

Oremos por eles a Deus, ao Deus de Amor que nos criou e nos mantém a todos. A partir daí, a vida nos dirá o que fazer, numa dimensão mais vasta, e como agir, em conjunto, para viver, na prática, os ensinamentos do Mestre Jesus!

Trabalhemos, companheiros!

Trabalhemos e oremos! “Trabalhemos como se tudo dependesse de nós; e oremos como se tudo dependesse de Deus.”

“Não sois máquinas! Homens é que sois”, lembra-nos o imortal Carlitos, que doava simpatia e o pão escasso ao sofredor.

E os caídos das ruas, das calçadas, vítimas do desamor de uma sociedade desumana! Mas o que é a sociedade? A sociedade somos nós. Se ela é desumana é porque somos desumanos, nós que a integramos.

O Espírito Lázaro, em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. IX, item 8, Ed. FEB), indica-nos que a indiferença moral nos custará elevado preço:

“A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral (...) Submetei-vos à impulsão que vimos dar aos vossos espíritos; obedeci à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do espírito preguiçoso, ai daquele que cerra o seu entendimento! Ai dele! porquanto nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, lhe aplicaremos o látigo e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa terá de, cedo ou tarde, ser vencida.”

Importa-nos preservar o coração, o sentimento de fraternidade, de humanidade, nos dias que vivemos.

Podemos doar mais ao nosso próximo, ao nosso irmão, conhecido ou não. Basta-nos o anseio de sermos úteis aos semelhantes, despertar e agir. Eventualmente somos solidários nas grandes tragédias: nas secas ou enchentes regionais, nos terremotos de outras terras, e em tantas outras ocasiões. Sejamos fraternos no dia-a-dia, permanentemente, nas dores menores.

Nossa vida ficará mais rica, mais plena. Nossos corações pulsarão mais vigorosamente. ●

Ao Clarão da Nova Era

LUCY DIAS RAMOS

Ilumina-se o planeta
ao clarão da Nova Era.
E há risos de primavera
nesse festivo clarão!
Uma sublime mensagem
lá do Alto penso ouvir:
“– Vos é chegado o Porvir,
limpai vosso coração!”

Chega de dor, de tristeza,
de revolta e de cansaço.
Os anjos vibram no Espaço,
enchendo a Terra de luz;
parabenizando os homens
que, no Terceiro Milênio,
terão um novo proscênio
sob as bênçãos de Jesus.

Nada de maldade e vício.
Cesse todo o sofrimento,
produto desse fermento
de ódios, de queixas, de horror.
É um proscênio diferente
a exprimir Fraternidade
para toda a Humanidade,
na Paz do Consolador!...

A Fé, a Religião –
todas as crenças do mundo,
num fervor puro e profundo
de Amor espiritual,
assumirão compromisso
de implantar em toda a Terra –
desde o vale até à serra –
paz eterna e celestial!

Não mais vingarão aqui
os rebeldes e os perversos,
que, sempre na sombra imersos,
se fazem monstros cruéis...
Para planetas escuros
deverão ser exilados,
onde na dor reeducados,
deixarão de ser revéis!...

No planeta, finalmente,
há de reinar o Evangelho,
onde não mais o homem velho
manchará os solos seus.
Somente a Fraternidade
vigerá como Esperança
de Amor, de Paz, de bonança
sob a Vontade de Deus!

Seara Espírita

Rio de Janeiro (RJ): Confraternização dos Espíritas

A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro realizou no Colégio Pedro II (Campo de São Cristóvão, 177), nos dias 18 e 19 de agosto, a XV CEERJ – Confraternização dos Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Participaram do evento, como expositores: Divaldo Pereira Franco, com o Seminário “Relações Interpessoais no Centro Espírita”; a Vice-Presidente da FEB Cecília Rocha, responsável pelo Simpósio “Estudo Sistematizado: sua filosofia e estrutura de funcionamento”; César Soares dos Reis, que abordou o tema “A Rede”.

Paraná: Comunicação Social Espírita

Realizou-se em Curitiba, na sede da Federação Espírita do Paraná, o 4o Encontro Estadual de Comunicação Social Espírita, nos dias 20 e 21 de outubro deste ano, coordenado por Merhy Seba. O tema do evento foi “Criatividade em Comunicação Publicitária”, sendo abordado com profundidade “como elaborar estratégias criativas para a comunicação social (públicos interno e externo)”..

Espanha: Congresso Espírita

A Federação Espírita Espanhola promove o IX Congresso Espírita Nacional no Palm Beach Hotel de Benidorm, em Alicante, no período de 7 a 9 de dezembro corrente, com o tema “Que é o Espiritismo?”, com a participação de Divaldo P. Franco e José Raul Teixeira.

B. Horizonte (MG): Feira do Livro Espírita

A União Espírita Mineira e a Aliança Municipal Espírita de Belo Horizonte promoveram a XIX Feira do Livro Espírita na Livraria da UEM, de 21 a 27 de outubro, cuja abertura foi feita pelos presidentes das citadas instituições, respectivamente, Pedro Valente da Cunha e Jairo Avelar. Durante todos os dias da Feira, realizaram-se palestras, no período noturno, com temas doutrinários, pelos expositores : Jairo Avelar, Roberto Lúcio Vieira de Souza, Gil Restani de Andrade, Honório Onofre de Abreu, Cléber Varandas de Lima e Manoel Antônio Alves.

Goiânia (GO): Livro Espírita no Shopping

Os frequentadores do Flamboyant Shopping, de Goiânia, tiveram oportunidade de tomar contato com a Doutrina Espírita, no período de 17 a 25 de outubro, circulando pela Feira do Livro Espírita e adquirindo as obras ali expostas. A promoção foi da Federação Espírita do Estado de Goiás.

Alemanha: Encontro Espírita

Realizou-se em Bremen, Norte da Alemanha, o VI Encontro do Movimento Espírita Alemão, nos dias 1º e 2 de setembro deste ano, com a presença de Grupos Espíritas de Munique, Berlim, Hamburgo e Bremen. O tema central “A Atualidade da Obra de Kardec” foi abordado através de palestras em português e alemão. Participou do Encontro o Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti, que fez as palestras de abertura e encerramento do Encontro.

Paraíba: Congresso Espírita

O III Congresso Espírita Paraibano foi realizado pela Federação Espírita Paraibana no Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural, em João Pessoa, de 24 a 26 de agosto. Na sessão de abertura foi prestada homenagem a Augusto dos Anjos – “O Paraibano do Século” –, um dos poetas psicografados por Francisco Cândido Xavier, que compõe a obra *Parnaso de Além-Túmulo*. Divaldo Pereira Franco proferiu a conferência sobre o tema central do Congresso – *Jesus à luz da Doutrina Espírita* e, no dia seguinte, ministrou o seminário *Jesus à luz da Doutrina Espírita*. Participaram, também, como expositores: Geraldo Guimarães, do Rio de Janeiro, e, da Paraíba, José Raimundo de Lima (Presidente da FEPB), Giselda Carneiro Arnaud, Severino Celestino e Melcíades José de Brito.

Ceará: Seminário de Unificação

Realizou-se em Fortaleza, nos dias 14 e 15 de julho, o IV Seminário de Unificação do Movimento Espírita do Estado do Ceará, patrocinado pela Federação Espírita daquele Estado (FEEC), destinado a presidentes e assessores de Casas Espíritas, representantes de órgãos regionais e municipais e das áreas do Estudo Sistemático da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, Atividade Mediúnica, Assistência e Promoção Social Espírita e Comunicação Social Espírita.



REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome

Endereço

Bairro CEP

Cidade Estado

País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome

Endereço

Bairro..... CEP

Cidade Estado

País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal, ou solicitação à FEB do boleto bancário.

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição.

Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$**..... *

Nome.....

Endereço.....CEP

Município.....EstadoPaís

Tel.: ()Celular ().....Fax

E-Mail.....Identidade.....CPF

Assinatura.....

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.